abc PORTUGAIS - FRANÇAIS Portuscale

www.facebook.com/museucombatente.oficial

Não ao Acordo Ortográfico

Num. **116** Ano / An 5 - 15 de Setembro / 15 sept 2018

• jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português •

M. Guy Ouellette, candidat PLQ à Chomedey, ouvre son local électoral.

Parti Libéral du Québec

Laval, le 28 août 2018 - Le député provincial sortant et candidat officiel pour le parti libéral du Québec dans le comté de Chomedey, M. Guy Ouellette, a lancé sa campagne électorale lors de l'ouverture officielle de son local situé au 4415, boul. Notre Dame #103, Laval, QC. H7W 1T7.

M. Ouellette, accompagné des membres de son comité électoral et entouré de plus d'une centaine de sympathisants dont plusieurs représentants d'organismes locaux, a ainsi lancé officiellement sa campagne à Chomedey.

Il a remercié ses bénévoles des accomplissements des campagnes électorales ayant eu lieu en 2007, 2008, 2012 et 2014 et se dit fier d'être encore si bien entouré pour celle de 2018.

« C'est ma 5e campagne électorale dans le merveilleux comté de Chomedey et je tiens à vous remercier pour votre confiance. Cela fait 11 ans que vous me choisissez comme étant votre représentant provincial et cela me rend très fier. Je souhaite pouvoir continuer de servir les citoyens de Chomedey et de travailler fort pour le bien-être de notre belle province.» a dit le candidat.

Ver na página 16 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal do Corpo de Instrução do Curso 127 que foram constituídos arguidos. A vossa ajuda é necessária e bastante apreciada. Colaboremos.

SUZI silva

e o seu grupo de músicos

foi Fad Azz no Le Balcon

Ver reportagem na pág. 6

Visitez Le Portugal

Opinião

Haja um mínimo de bom senso

Este recanto de apontamento cujo título fui buscar à extinta revista "Notícia" de Angola, do malogrado director João Charulla de Azevedo, — *A chuva e o Bom Tempo* — é, como já tive ocasião de dizer, um local de opinião. Opinião que por vezes pode parecer-se com uma análise. Mas deve ser vista somente como opinião, esse sentimento de observação sobre uma ou mais situações, dando um parecer de como interpretei o sentido ou a conclusão de qualquer decisão ou afirmação feitas, podendo canalisar, quanto a mim, más indicações ou informações, que extrapoladas se transformam em opiniões fracturantes na sociedade.

A sociedade mundial mais em especial a europeia, tem sofrido com as más decisões políticas que se têm verificado nos últimos anos, fracassando o número de votantes em apoiantes da extrema-esquerda ou extrema-direita, o que naturalmente, não agrada aos defensores da imigração descontrolada que se tem verificado desde 2015.

2015 foi o ano em que a chanceler alemã, autoritária e arrogante como de costume, nada querendo entender de opiniões contrárias, decidiu e quis impôr quotas que os países europeus — na sua forma de ver colónias alemãs — teriam de aceitar, para poderem benificiar das subvenções da União Europeia.

União Europeia que pelo Tratado de Maastricht de 1992 substituiu, a Comunidade Económica Europeia, esta criada por Jean Monet em 1957 e rectificada pelo Tratado de Roma, com o objectivo da constituição de um Mercado Comum e de uma União Alfandegária, no seguimento do sucesso da CECA (Comissão Europeia do Carvão e do Aço criada em 1951) tinha, essencialmente objectivos económicos, pretendendo ser o meio de relancear a cooperação entre os países europeus sem, todavia, abandonarem os valores sagrados da soberania nacional de cada um. Foi o governo do Presidente Francês René Coty que em 1954, rejeitou o projecto da CED – Comissão Europeia de Defesa, cujo interesse era a formação de um exército único na Europa.

Europa que foi sucessivamente modificando, criando novos estatutos e leis da CEE, que o General de Gaule em 1965 teve o prazer de vetar algumas, desde que a lei criada contraviesse ao interesse vital do país. Isto porque o "elefante branco" que foi formado em Bruxelas, pretende tudo controlar e unificar, querendo unir os oceanos. É um dos grandes problemas da União Eurpeia presentemente. Como unificar o que é tão distante, diferente, inconciliável. Tradições e formas de viver tão variadas e de quase impossível unificação.

Unificação ou integração tem sido muito difícil de conseguir entre os migrantes que têm chegado às costas da Europa e que se mantêm "às costas dos cidadãos" dos países envolvidos. Na sua grande maioria, são "pesos mortos" a sobreviverem à custa das economias fragilizadas por diferentes crises, que dispensavam com à vontade os contratempos e as manifestações violentas ocasionadas por um elevado número de migrantes. Gente nova, aparentemenet sem falta de meios financeiros, que exigem a imposição de hábitos próprios, não hesitando em destruir ou queimar, violentando adolescentes ou mulheres, sem pejo algum. As autoridades — como na Alemanha e na Suécia — fecham os olhos e punem, com sentenças de prisão, qualquer dos seus cidadãos, que se pronuncie contre os migrantes. A Suécia é considerada a capital do estupro no Ocidente. Mas migrante igual a tabu. E, os sentimentos anti-imigração tem as suas origens na grande vaga de 2015, sobretudo na forma desordenada e descontrolada como foi feita, com grande impacto na população local. Gerou grande descontentamento.

Descontentamento que se tem verificado em manifestações públicas e nos resultados verificados em eleições em diversos países. Exemplos como a Austria a Itália, a Polónia, a Hungria ou a Alemanha e agora a Suécia, são prova desse descontentamento. As populações estão saturadas das más decisões políticas e demonstram-o claramente ao ostracizarem os Sociais-Democratas que até há pouco tempo, dominavam os governos eleitos. Há, assim, uma crise enorme na Social-Democracia europeia. O que se nota também, por parte de muitos jornalistas que deviam explicar o que se passa através do mundo e não esconder as realidades camuflando-as de jardins de rosas. É que, todos quantos sejam de opiniões contrárias às suas ou reajam criticando o rol de maravilhas que despejam no papel, são de imediato apelidados de racistas, fascistas, xenófonos, anti-europeu etc, enfim, toda uma série de rótulos de imbecis adjectivos, que parecem ser a única forma de defesa insensata, enrolada numa cultura de narcisismo, por falta de elementos capazes de formular explicações compreensíveis. E como noutros pontos da Europa, a brusca ascensão da extrema-direita é o modo de demonstrar o tal descontentamento das classes médias para com os governos existentes e a forma como é gerido o sistema financeiro.

Sistema financeiro que estrangula os mais pequenos, os mais sensíveis, os mais fragilizados da sociedade, a quem os socio-democratas não souberam corresponder e, antes pelo contrário, recorreram com frequência às suas pequenas pensões para preencher os cofres do Estado. Isso, na classe trabalhadora que receia a globalização, provocou o descrédito das instituições democráticas e o sucesso dos partidos de direita, que dizem dever existir um consenso numa democracia. O que os governos que nos têm dirigido não conseguiram provar. Do mesmo modo que não se poderá provar as etiquetas insultuosas de quem se opõe ou não concorda com aquilo que se vai fazendo, ou dizendo. Haja porém, antes de acusar, um mínimo de bom senso.

Raul Mesquita

O espectro que ronda a Europa

Por Vítor Matos/Editor de política/Expresso Curto

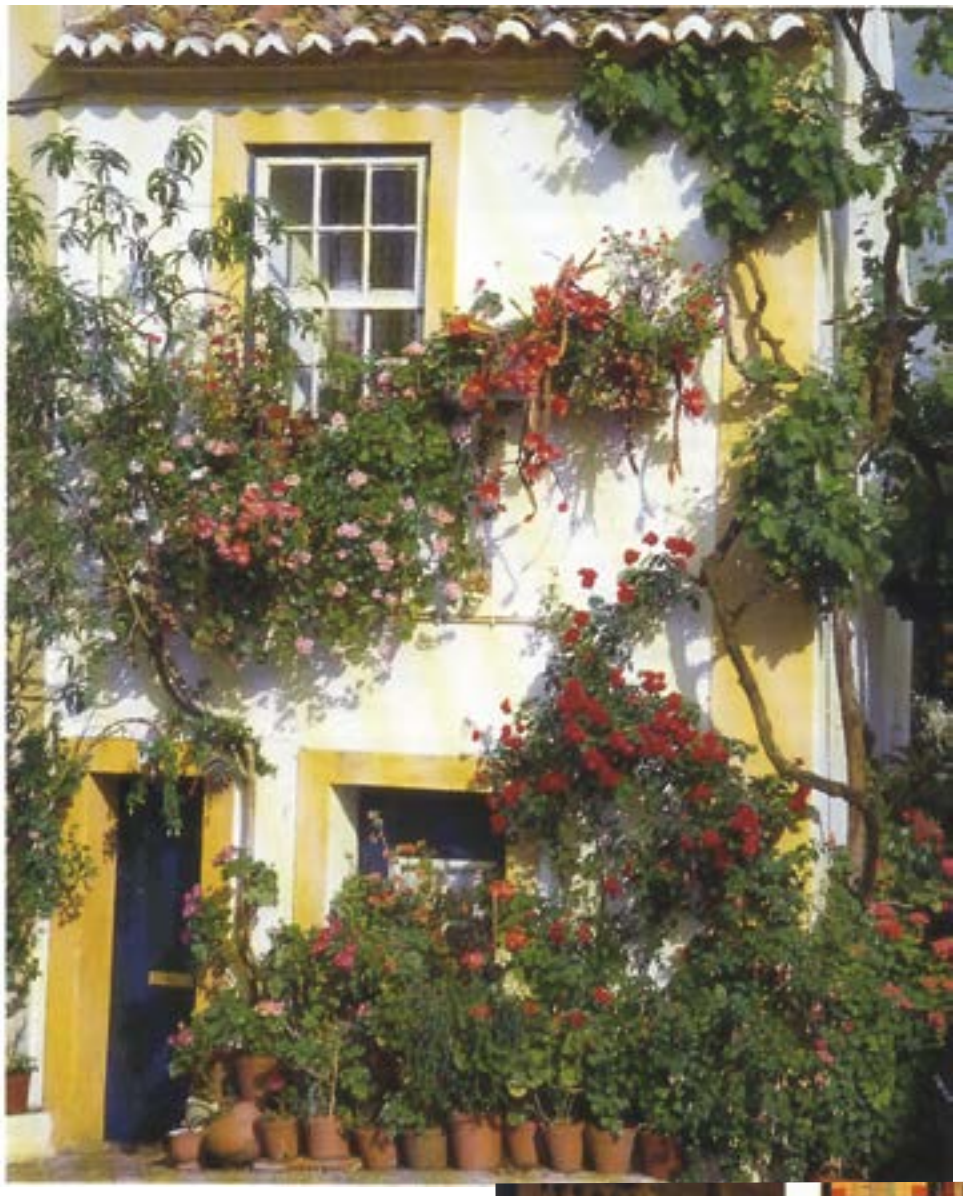
A semana começa com notícias que nos devem fazer pensar (e preocupar) e que antecipam a possibilidade de haver um antes e um depois de Maio de 2019. A extrema-direita continua a ganhar terreno, e desta vez foi na Suécia. Este espectro que ronda a Europa poderá ser determinante para a formação do próximo Parlamento Europeu - depois das eleições a meio do próximo ano - que poderá ser o mais anti-europeu de sempre, com forças de vários países que vão dos nacionalistas, a neo-fascistas e xenófobos que defendem o fim da União ou a saída dos respectivos países da aliança que ajudou a estabelecer o período mais duradouro de paz no continente. Na tão social-democrata Suécia, os Democratas Suecos, o partido de extrema-direita e anti-imigração, foi a terceira força mais votada este domingo com 17,6% dos votos (resultados provisórios), bem acima dos 12,9% que tinham conquistado em 2014 (mesmo assim, abaixo dos 25% que as sondagens previam, como explica o britânico The Guardian).

O partido mais votado (como acontece no país desde 1917), liderado pelo actual primeiro-ministro Stefan Löfven, foi o Social Democrata, mas com o resultado mais baixo de sempre: 28,4%. Os Moderados, de centro-direita, tiveram 19,8%. Os suecos vão agora ter semanas de negociações para a formação de um Governo, porque os dois blocos de esquerda e de direita (sem contar com a extrema-direita) estão empatados, com a diferença de um deputado, o que torna os populistas no fiel da balança caso não haja outros entendimentos: o bloco de partidos de centro esquerda teve 40,6% dos votos e o centro-direita obteve 40,2%. O primeiro-ministro já pôs de parte qualquer entendimento com os Democratas Suecos e disse que as forças partidárias do *mainstream* têm agora a "*responsabilidade moral"* de formar um Governo.

O Político.eu, destaca a incerteza que saiu das urnas suecas, e o El País coloca a questão que atravessa aquela sociedade nórdica: integração ou xenofobia? Em português, as informações actualizadas estão no Expresso. O editor de internacional, Pedro Cordeiro, faz uma análise aos resultados, onde diz que as "*eleições exigem boa dose de ginástica sueca".* Álvaro Vasconcelos, ex-director do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia, diz no Público que os partidos democráticos não respondem à "*grande inquietação da classe média".*
(...)

ABRANTES, dans les fleurs et le passé

Une ville dont les rues fleuries se mirent dans le Tage en grimpant jusqu'à un Château qui eut la faveur des rois a l' époque des Grandes Découvertes.



Bastion de la défense de la Beira et de l'Alentejo, ce Château est déjà mentionne en 1173 quand donation en est faite a l'Ordre de Santiago et il faisait partie de la ligne des châteaux-forts du nord du Tage, lors de la Reconquête. En 1179, le premier roi, D. Afonso Henriques, lui octroie une charte, D. Afonso II restaure le système de défense d'Abrantes et, selon la tradition, fait construire dans les murailles l'église Santa Maria do Castelo. En 1281, le roi D. Dinis fait donation d'Abrantes à sa femme, la Reine Sainte Isabel. En 1385, ce sera le point de rencontre des troupes du connétable Nuno Àlvares Pereira et de celles de D. João I qui battront les Espagnols à Aljubarrota D. Manuel I demeura longtemps à Abrantes et c'est lá que naquirent ses fils, les Infants D.Fernando et D. Luis.

Au XVI siècle, Abrantes se livrait au commerce fluvial, qui incluait des échanges directs avec l'étranger. C'était une des plus grandes villes du royaume. Elle entendit déclamer Gil Vicente, les vers de Luis de Camões et vécut les moments inoubliables de l'Epopée des Grandes Découvertes Maritimes Portugaises. C'est de cette époque que datent les riches tombeaux de D. Diogo, D. Lopo et D. João de Almeida, qui se trouvent dans l'église Santa Maria do Castelo.
Dans le périmètre de l'esplanade du Château on peut voir encore le Jardin S. Pedro et la vue panoramique de la Porta da Traição qui, tout comme celle du Donjon, est éblouissante. Vers le sud, c'est la large plaine alluviale du Tage, et, vers le nord, ce sont les immenses pinèdes qui entourent le lac de Castelo do Bode.

Dans la ville on remarque l'église S. Vincente avec sa façade maniériste et ses trois nefs décorées de panneaux d'azulejos, deux rarissimes nefs de S. Vicente, les retables du maître-autel et du baptistère (XVII siècle) ainsi que les autels latéraux en pierre sculptée. En descendant la Rua de Santo Antonio vers la Place Raimundo Soares on trouvera l'Hôtel de Ville et l'on traversera des rues pittoresques, pavées de galets du fleuve, embaumées par le parfum des roses et égayées de fuchsias. Un peu plus haut se trouve le Palais Albuquerque, l'ancien Palais Royal, à la façade XVIII siècle, où résida Junot quand il occupait Abrantes. Plus loin, c'est la Place Barão da Batalha et le Jardin da Republica avec le vieux couvent de S. Domingos, où fonctionne aujourd'hui la Bibliothèque Municipale Antonio Botto. L'église da Misericordia possède en façade un magnifique portail Renaissance et à l'intérieur six tableaux di maître Gregorio Lopes (XVI siècle) et dans la salle du Définitoire des lambris d'azulejos bleu et blanc, du mobilier, des boiseries sculptées et un plafond orné de peintures. Non loin de là, plus haut, se dresse l'église S. João, fondée en 1300 par la Reine Sainte Isabel, dont l'intérieur est composé de trois nefs de cinq travées de colonnes ioniques.

Ensuite vous vous promènerez à votre gré. Vous goûterez à la confiserie au jaune d'œuf, «palha de Abrantes» et «tigeladas». Vous découvrirez la richesse et la valeur de l'artisanat dans les objets décoratifs, les tissages manuels, la vannerie, les poupées de chiffon et de roseau, la ferblanterie, les chaises et tabourets pailles, spécialement lors de la Foire d'Artisanat et Art Populaire qui a lieu chaque année, le dernière semaine de mai. Fin mai, ce sont aussi les Fêtes de la Ville, avec les fameux Concours de Rues Fleuries. Le long des rives on distingue les vestiges du vieux pont romain et les pittoresques barques du Tage ainsi que le village de pêcheurs de Cascalhos, remarquable par la richesse ethnographique de ses musiques, de ses chants et de ses danses. Sur l'autre rive se trouve Tramagal et la Quinta dos Vales avec un centre d'équitation apprécié et un gîte rural. Puis, au sud du Tage, le Rossio et le village typique de Pego, disposé autour de la Place de l'Église et de la Croix et donc les riantes maisons blanches présentent sur leurs façades une curieuse décoration imitant des bas-reliefs. Plus au sud, à Bemposta et à S.Facundo, on découvrira les émotions de la chasse. Le lac du Barrage de Castelo do Bode, tout entouré de pinèdes, est le site idéal pour profiter, en été, du soleil, de l'eau et des sports nautiques : aviron, voile, wind-surf ou encore de la pêche sportive. Sur les rives, à Martinchel, on pourra s'adonner au repos, au camping, à la vie.

Légende:

2-Tombeau de D.Lopo de Almeida, (église de Santa Maria do Castelo)
3-Patchwork (artisanat)
4-Église da Misericordia
5- Église de S. Vicente.
6- "Palha" d'Abrantes (gastronomie)
7-Le lac du Castelo do Bode.
10- Vue générale de la ville.
11-Rues Fleuries.

ICEP-Portugal

Em Porto Formoso, há pescaria às cinco da madrugada

O projecto **HáMar** leva turistas a pescar num barco tradicional, acompanhando o trabalho de um pescador açoriano e podendo, no final, levar um peixe para casa.

Por Alexandra Prado Coelho / Publico

Rob e a filha têm os cabelos molhados mas isso parece não os incomodar. Olham, encantados, para a forma como Paulo arranja, em cima de uma pedra do cais, o peixe-porco que acabaram de pescar. O pescador maneja a faca com destreza, fazendo-a deslizar para separar a pele grossa do animal da carne. Depois, com a rapidez de quem está mais do que habituado, separa a espinha, retira os filetes e entrega-os ao holandês.

Os cabelos estão molhados porque cai uma chuva miudinha no cais de Porto Formoso, uma pequena localidade na ilha de São Miguel. Ainda há pouco fazia sol, mas, já se sabe, o tempo nos Açores pode mudar num minuto, e agora o céu encheu-se de nuvens escuras. Rob não quer saber das mudanças atmosféricas, está feliz com a aventura que acabou de viver e orgulhoso por a filha, que terá uns 11 ou 12 anos, ter conseguido apanhar um peixe nesta que foi a sua primeira ida à pesca.

Saíram no barco, com Paulo, o pescador, e Bruno, o guia da Há Mar, eram umas 5h30 da manhã, fazia ainda escuro, céu e mar eram da mesma cor e não se via o caminho. Para Paulo isso não é um problema, conhece bem esta costa norte da ilha, há muitos anos que aqui pesca. O que é novidade, desde 2016, mas agora com cada vez maior frequência, é levar com ele turistas.

JOSÉ VENTURA/Pub

O projecto começou impulsionado pelo actual Director Regional das Pescas, Luís Rodrigues, que, inspirado por algo semelhante que viu em Itália, achou que era boa ideia diversificar as fontes de rendimento dos pescadores açorianos, juntando-lhes a possibilidade de fazerem uma actividade turística a par da pesca. Criou, assim, licenças especiais de pesca-turismo e tentou convencer os pescadores a aderir — mas até agora foram poucos os que se lançaram nessa aventura. "*Há um alerta brutal em relação à abundância dos recursos",* afirma Luís Rodrigues, *"e os Açores têm pouco peixe."* Essa é uma das razões que o levam a defender que os pescadores devem diminuir a sua dependência de uma única actividade.

A embarcação de Paulo, que é filho e neto de pescadores, continua a ser de pesca e não pode fazer apenas passeios — o objectivo aqui é precisamente que os visitantes, estrangeiros ou portugueses, vivam a experiência de uma pescaria. Daí que seja preciso sair às 5h30 da manhã, à hora a que vai ser possível apanhar peixe. Hoje regressaram pelas 11h30 e trouxeram bastante peixe — Rob e a filha vão levar dois, já arranjados, para cozinhar em casa (há também um acordo com dois restaurantes locais que confeccionam o resultado da pescaria se o turista não tiver um local para o fazer).

PÚBLICO
JOSÉ VENTURA

Inicialmente, Paulo teve algumas dúvidas sobre se seria uma boa ideia, mas, com o peixe a diminuir, resolveu arriscar. Como não fala inglês, juntou-se a Bruno, que aqui assegura a conversa com os turistas estrangeiros e dá todo o apoio necessário para que o pescador possa estar concentrado no seu trabalho. Criaram a **Há Mar** e hoje sentem que é uma aposta ganha. Paulo diz que gosta, sobretudo, dos grupos que incluem crianças e de ver o entusiasmo destas quando apanham um peixe. Nós chegámos a Porto Formoso a tempo de o ver preparar o peixe para o cliente holandês, mas a uma hora que já não permitia sair para nova pescaria. Por isso, só para termos uma ideia do que é a experiência, Paulo e Bruno levam-nos numa breve volta de barco pela costa e esses minutos já deixam uma impressão inesquecível: penhascos erguem-se, dramáticos, à nossa frente, enquanto tentamos equilibrar-nos para os fotografar contra o céu escuro, Paulo manobra o barco, aproximando-nos de pequenas reentrâncias, uma delas é quase uma gruta com uma abertura em cima e o céu a reaparecer entre os picos rochosos.

Damos meia volta e regressamos ao cais, onde encontramos o mestre Eugénio, no barco que usa para apanhar lagostas, a sua especialidade. Convida-nos para almoçar na pequena casa que tem, ao lado de uma horta rodeada de hortênsias, na encosta do cais de Porto Formoso. É quase hora do almoço, mas, em menos de nada, Eugénio e a mulher, Maria, põem em cima da mesa pão, queijo, amendoins (de cultivo próprio) e vinho, enquanto preparam várias postas de atum, batatas cozidas, uma deliciosa salada de tomate da horta, e, claro, uma caldeirada.

A grande caldeirada de Porto Formoso, uma iniciativa lançada pelo mestre Eugénio, aconteceu há poucas semanas, vieram mais de 500 pessoas e comeram-se mais de 400 quilos de peixes variados, conta o pescador, orgulhoso. Nós perdemos a festa, mas chegámos a tempo para um almoço improvisado que, com toda a certeza, não lhe ficou atrás.

Um caldo para "fazer render o peixe"

Peixe não falta nos vários caldos que são servidos no Festival do Caldo de Peixe, na vila de Rabo de Peixe, na ilha açoriana de São Miguel. A expressão *"fazer render o peixe",* usada pelo Director Regional das Pescas, Luís Rodrigues, na abertura, tem a ver com a ideia de valorizar espécies que na lota não atingem preços que compensem o trabalho do pescador.

"No ano passado, foram descarregadas em lota 70 espécies diferentes", afirma, "mas 80% das vendas dizem respeito às mesmas cinco espécies. Andamos todos a comer o mesmo. Não diversificamos a dieta."

Na tenda montada para a festa (que aconteceu nos dias 20 e 21 de Julho), fez-se fila para provar os diferentes caldos: o da Escola de Formação Turística e Hoteleira, com espécies como a bicuda, a veja, a melga e a tainha, o da Graciosa, com o congro, o da Ribeira Quente, com a raia, e o de Rabo de Peixe, com raia, albacora, chicharro do alto (carapau), escamuda.

As receitas também variam, umas levam arroz, as outras, batata, as outras, pão, umas apostam mais no picante, com a malagueta seca, outras na açafroa, que dá um bonito tom amarelo. *"A nossa tradição gastronómica, não só nos Açores mas também no continente, assenta muito nos caldos, nas sopas e nas açordas, mais consistentes ou menos, consoante aquilo que tínhamos à mão, o que a terra dava ou o que as famílias tinham para comprar, porque antigamente a economia era de troca"*, explica António Cavaco, da confraria Gastrónomos dos Açores, que está, também ele, à volta de uma grande panela de caldo, a cozinhar.

Neste panorama, prossegue, "*os Açores são um caso particular porque vivem daquilo que os povoadores trouxeram, não há produtos autóctones, tudo o que vem é do continente, e depois das influências dos cruzamentos marítimos, da Flandres, dos Países Baixos, da Bélgica, da Alemanha, que tem forte influência no grupo central, principalmente no Faial".*

É com esses produtos, vindos do continente e de outras partes do mundo, que cada ilha (e dentro de cada ilha, cada freguesia) foi criando um caldo diferente. *"Onde existe mais tradição é no grupo central, o Pico, a Graciosa, são emblemáticos nos caldos de peixe, que são aí muito identitários. No Pico leva batata, na Graciosa tem uma base de pão e é chamado de molho. Uns têm peixe desfeito, noutros é servida uma posta inteira",* descreve António Cavaco. E no Corvo há até um caldo em que *"se misturam algas, aproveitando a erva patinha, e que é feito com peixe grosso, lírio, rocaz — é praticamente uma caldeirada."*

Alguns destes, e outros, como o de Rabo de Peixe, estarão novamente à prova, no próximo ano, quando a vila micaelense, que é o maior porto de pesca dos Açores, voltar a organizar o Festival do Caldo de Peixe, no início do Verão.

Rosa dos Ventos

Rose des Vents

Estremoz - *Alentejo - Portugal*

Estremoz est une ville et une municipalité du Portugal, située dans le district d'*Évora* et dans la région de l'*Alentejo*, complètement au sud du pays. La municipalité occupe une superficie totale de 514 km² et compte une population de 15 657 habitants (30 habitants par km²). On y compte 13 *freguesias* (ou communes): *Arcos, Évora Monte, Gloria, São Bento do Ameixial, São Bento do Cortiço, São Bento de Ana Loura, São Domingos de Ana Loura, Santo Estevão, São Lourenço de Mamporcão, Veiros, Santa Vitoria do Ameixial* et, les deux seules en milieu urbain, *Santa Maria* et *Santo André*.

Localisée à l'intersection de deux importants axes routiers, Lisbonne/Madrid et Faro/Guarda, la municipalité d'*Estremoz* jouit d'une situation géographique privilégiée. Elle est limitée au nord par les municipalités de *Sousel*, *Fronteira* et *Monforte*, au sud par *Évora* et *Redondo*, à l'est par *Borba* et à l'ouest par *Arraiolos*. Le climat y est chaud et sec, typique des régions de l'intérieur. Les températures moyennes mensuelles varient autour de 10° C en hiver et de 20° C en été, pouvant aller au-delà de 35° C.

Estremoz est localisée à une hauteur de 448m, surplombant un paysage de plaines à perte de vue. Les aires de repos, fontaines et palais de cette ville historique sont majoritairement construits en marbre, d'où son surnom : ville de **marbre**. L'Est de la ville est marqué par l'industrie d'exploitation des carrières et de transformation du marbre, une des principales activités économiques de la région.

Le système de production agricole prédominant est l'agriculture extensive et l'aridoculture. Vignes et céréales sont les principales cultures, aussi importantes que l'exploitation de la forêt, c'est-à-dire du chêne vert, du chêne-liège, du pin, de l'eucalyptus et des buissons incultes.

Les terres de cette région servent majoritairement à l'agriculture et à l'exploitation du marbre, ce qui en fait les principales activités économiques de la municipalité. Le secteur industriel et le secteur des services sont en développement, mais le pourcentage de la population qui œuvre dans ces domaines est encore peu significatif. Aux activités économiques prédominantes s'ajoutent également l'artisanat, les foires et le tourisme.

L'artisanat met en valeur les principales ressources de la région, soit le marbre, l'argile et le liège. Les deux principales foires annuelles sont la FIAPE (Foire internationale de l'industrie agricole et de la pêche de Estremoz/Foire de l'Artisanat) et la *'Cozinha dos Ganhões'.* La gastronomie régionale, qui se caractérise par une variété limitée d'ingrédients et des processus de confection simples, est un vrai délice pour les sens : viandes de porc et d'agneau, soupes traditionnelles avec du pain de blé et assaisonnées avec des herbes aromatiques (cueillies directement dans les champs, où elles grandissent spontanément), fromage de lait de brebis et saucisses et saucissons... et que dire des desserts traditionnels à la base de jaune d'œuf, amendes et confiture de cheveux d'ange!

Jouissant d'un patrimoine culturel inégalé et d'un ensemble d'unités hôtelières de grande qualité et accessible à tous les portefeuilles, *Estremoz* est une ville et une municipalité séduisante qui ne cesse d'attirer des visiteurs.

Traduit par Marta Raposo

Suzi – uma papoila no Fad'Azz

O espectáculo da Suzi na passada semana no *Le Balcon* — agora ocupando um espaço da antiga catedral de Montreal, a Igreja St. Jacques, rua de Santa Catarina, — veio uma vez mais confirmar de que não é preciso nascer-se Mozart porque, ser músico ou — intérprete vocal, — é ser alegre, é ser natural. E a **Suzi** tem tudo isso desde a infância. Vibrar a cantar e fazer vibrar o público, mesmo aquele que não entende o Português. Compensa, depois, durante o espectáculo, com várias interpretações em língua Francesa.

De resto, este concerto decorreu num ambiente de amizade e simpatia. A riqueza das explicações efectuadas no início de cada actuação, fez deste encontro um autêntico sucesso, tendo muitos dos espectadores lamentado deixar um local onde o acolhimento foi tão caloroso. E aqui, não me refiro somente ao recital do *FadAzz* — essa criação da Suzi e dos seus companheiros instrumentalistas, que fundiram as notas do fado clássico num ritmo jazz, demonstrando a latitude da canção nacional numa expansão musical diferente — faço igualmente referência ao serviço às mesas, por parte duma equipa de profissionais competentes e amáveis. Bom serviço para quem janta e subtil acompanhamento a quem apenas se deslocou para ouvir as melodias e acordes instrumentais.

A sala proporciona-se para este tipo de actividade, a lembrar as promoções duma casa da cultura pelo recanto sóbrio e "meia-luz", onde se impõe o local de actuação, decorado com um enorme cortinado cuja côr e forma se identifica bem com o recinto. Boa visão e boa acústica para a assistência. Apenas a fraca intensidade da luz não permitiu obter fotografias capazes.

Mas, — como penso já ter dito há tempos em reportagem da **Suzi** e do seu *FadAzz* — ninguém pode abandonar as suas origens. Em qualquer das suas várias interpretações, cada tema é cantado em ritmo Fado e depois retomado em ritmo de jazz. Todavia, seja qual for o ritmo, a voz de **Suzi** leva invariavelmente ao estilo Fado. É a sua voz. É o seu estilo. É a sua forma de estar na vida. Para nós Portugueses, com a nossa propensão para a melancolia, a nostalgia, o sentimentalismo e com as manifestações para a eternidade barroca da saudade oceânica, procuramos coadunar as regras destas expressões artísticas, novas experiências que apreciamos — certo — mas imperceptivelmente sempre damos preferência ao Fado. E, talvez até sem querer, a **Suzi** leva-nos para essa expressão cantante que mais ressalta quando acompanhada das sonoridades da guitarra portuguesa e da viola. Porém, o que aconteceu no *Le Balcon*, foi *FadAzz*. E o público foi bem servido.

Durante o recital, **Suzi** — qual papoila saltitante em cena — interpretou dois fados da Ana Moura em ritmo Jazz e homenageou Zeca Afonso com a Balada do Outono; a cidade de Coimbra, "*Chanson d'une ville"* — origem natal da **Suzi** e os *"mais velhotes*" que serviram Portugal em uniforme, como o seu pai, antigo marinheiro num barco da Marinha de Guerra portuguesa, com a criação da *Flor Silenciosa*, poema do brasileiro Paulo Botas. De notar, a grande influência no trecho que deu nome ao espectáculo: o *Marujo Português*, impecavelmente interpretado pela **Suzi.**

E o *FadAzz* continuou com outras interpretações, outras letras, mas sempre ou quase sempre, fazendo valer dois ritmos: *Fado e Jaz*. Devo salientar que esta nova forma musical nasceu com os sons e palavras do *Fado Mestiço*, e que por isso a **Suzi** cantou quase no final do seu recital em língua creoula, numa homenagem à música cabo-verdeana, que sendo uma variante musical dum país de língua oficial portuguesa, tem dado ao mundo um estilo musical especificamente africano.

Ao terminar este pequeno apontamente sobre Suzi Silva, seus músicos e o espectáculo *FadAzz* no agradável recinto *Le Balcon*, quero somente deixar a informação que a artista estará no próximo dia 28 de Setembro em Toronto, na Casa das Beiras, acompanhada de vários outros intérpretes, alguns dos quais vindos de Portugal para esse espectáculo. Certamente a não perder.

Texto publicado também no jornal LusoPresse *Raul Mesquita*

Ainda existem locais descobertos por Portugal que poucos imaginam

Há séculos atrás, os portugueses percorreram o mundo em busca de novas terras. Foram tantos os locais descobertos por Portugal que, por vezes, nem os próprios portugueses conhecem bem todos os sítios que o nosso país deu ao mundo. Desde pequenas ilhas, a arquipélagos distantes ou até a territórios que antigamente se pensava terem sido descobertos por outros países mas que, afinal, terão sido mesmo descobertos pelos portugueses, como a Austrália, por exemplo.

Vanuatu – A primeira ilha no grupo de Vanuatu descoberta foi a Ilha de "Espirito Santo" quando, em 1606, o explorador português Pedro Fernandes de Queirós, avistou-a e pensou tratar-se de um continente do sul.

Maurícia – A ilha foi descoberta pelos portugueses, em 1505. Foi primeiro colonizada pelos holandeses, em 1638, e nomeada em honra ao príncipe Maurício de Nassau. Os franceses controlaram a ilha durante o século XVIII e renomearam-na Île de France. A ilha foi tomada pelos britânicos em 1814, que restauraram o seu nome anterior.

Comores – Inicialmente habitada por um povo nativo oriundo de Madagáscar e das migrações polinésias vindas do leste, foi ponto de passagem do rico comércio feito pelos árabes que iam para o sul da costa leste Africana em busca de Marfim e escravos. Posteriormente as ilhas Comores foram *"descobertas"* em 1505 pelos portugueses para depois serem colonizadas e administradas pela França.

Maldivas – No século XVI, entre 1558 e 1573, os portugueses estabeleceram uma pequena feitoria nas Maldivas, que administraram a partir da colónia principal portuguesa de Goa.

Sri Lanka – Os primeiros europeus a visitarem o Sri Lanka foram os portugueses: Dom Lourenço de Almeida chegou à ilha em 1505 e encontrou-a dividida em sete reinos que guerreavam entre si e que seriam incapazes de derrotar um invasor. Os portugueses ocuparam, primeiro, a cidade de Kotte, mas, devido à insegurança do local, fundaram a cidade de Colombo em 1517 e, gradualmente, estenderam seu controle pelas áreas costeiras.

Molucas – Em 1511-1512, os portugueses foram os primeiros europeus a chegar às Molucas, em procura das afamadas especiarias. Os Holandeses, os espanhóis e reinos locais, como Ternate e Tidore, disputaram o controlo do lucrativo comércio de especiarias.

Madagáscar – O primeiro descobridor europeu da ilha foi o português Diogo Dias, em 1500. No século XVI, diversos portugueses, holandeses e franceses tentaram a implantação fracassada de colónias no litoral malgaxe.

Austrália – O primeiro contacto europeu com o continente do Sul teria sido efectuado por navegadores portugueses, embora não haja referências a esta viagem ou viagens nos arquivos históricos de Portugal. A principal evidência para estas visitas não declaradas foi a descoberta de dois canhões portugueses afundados ao largo da baía de Broome na costa noroeste da Austrália. A tipologia dessas peças de artilharia indica serem de fabricação portuguesa, podendo ser datadas entre os anos de 1475 e 1525.

Tristão da Cunha – O arquipélago foi descoberto em 1506 pelo navegador português Tristão da Cunha, que deu o seu nome à ilha, mas que não pôde atracar devido aos penhascos de mais de 600 metros de altura.

Santa Helena – A ilha de Santa Helena foi descoberta em 1501 pelo navegador galego João da Nova, que na ocasião estava a serviço de Portugal. João da Nova dirigia-se à Índia, tendo nessa viagem também descoberto a ilha de Ascensão.

Trump, Trudeau et la cape de Capitaine Québec

Les négociations en cours à Washington sur l'ALENA ont toutes les chances de contaminer les élections québécoises, ainsi que le prochain scrutin fédéral, explique Alec Castonguay.

Par Alec Castonguay Photo : Getty Images

Depuis quelques jours, deux proverbes s'entrechoquent dans la garde rapprochée de Justin Trudeau, alors que les négociations serrées de l'ALENA reprennent à Washington: celui de la fable de La Fontaine, *«un tiens vaut mieux que deux tu l'auras»,* et celui du poète portugais Fernando Pessoa, *«espérer le meilleur, et se préparer au pire».*

Certaines heures, avec le chaos qui règne à la Maison-Blanche et la chasse aux sorcières en cours à la suite de la parution des extraits du livre de Bob Woodward, l'ambiance dans la « West Wing » doit ressembler à la « Maison des fous » dans Les 12 travaux d'Astérix. Mais bon Dieu, qui détient le pouvoir dans cette capitale? Qui possède le fameux document ALENA 2.0 sur lequel le Canada et les États-Unis pourraient s'entendre? On monte les escaliers, on descend les escaliers, on s'enferme dans une salle, on s'enferme dans une autre… Joyeux bordel.

Et ce bordel a toutes les chances de contaminer les élections québécoises en cours et les prochaines élections fédérales, dans un an. C'est pour cette raison que Trudeau a sorti la cape de Capitaine Canada du placard depuis mardi, et que celle de Capitaine Québec – que tous les chefs en campagne dans la province voudront revêtir – traine sur une chaise, pas loin, en attente de son champion… qui pourrait émerger dans les prochains jours si les négociations dérapent.

Les réunions et appels conférences de la fin de semaine à Ottawa ont réuni autour de Justin Trudeau tout ce qui gravite dans l'orbite des négociations de l'ALENA: la ministre Chrystia Freeland, l'ambassadeur canadien aux États-Unis, David MacNaughton, le principal conseiller de Trudeau, Gerald Butts, le conseiller québécois Mathieu Bouchard (malgré un déplacement en Europe), Steve Verheul, le négociateur en chef pour le Canada, etc. Même Brian Mulroney a eu droit à son coup de fil pour conseiller Trudeau, lui qui avait négocié la première mouture de l'entente de libre-échange avec les États-Unis, à la fin des années 1980.

Parmi les trois enjeux encore litigieux entre le Canada et les États-Unis, il y a surtout la gestion de l'offre en agriculture, qui protège les industries du lait, de la volaille et des oeufs. Un enjeu important au Québec, où ces secteurs représentent 37 % des 3,6 milliards de dollars de PIB du domaine agricole. (En terme électoral, les partis évaluent que le vote agricole est important dans 40 des 125 circonscriptions au Québec, ce qui n'est pas négligeable).

Personne autour de la table de négociations à Washington ne comprend mieux ce système et ses puissants groupes de pression que Steve Verheul, le grand manitou des pourparlers du côté canadien. Le négociateur ontarien a grandi dans une maison où l'agriculture était le pain et le beurre (désolé pour le jeu de mots) de la famille. Son père, Piet, avait une entreprise d'équipements destinés aux fermes laitières du sud-ouest de la province.

Après une maîtrise en science politique à l'Université Western, Steve a fait carrière pendant 20 ans au ministère fédéral de l'Agriculture et de l'Agroalimentaire, où il a contribué à la négociation initiale de l'ALENA, au début des années 1990. Il a ensuite participé aux pourparlers sur l'agriculture à l'Organisation mondiale du commerce (OMC), puis a négocié la récente entente de libre-échange avec l'Europe, qui contenait un volet sur l'accès accru au marché canadien pour les fromages fins.
Il est beaucoup question d'une possible brèche dans le système de gestion de l'offre dans les présentes négociations, ce qui semble probable. Mais personne ne sait mieux que Steve Verheul ce que les concessions représentent pour les producteurs agricoles. Il sait que ce système fonctionne assez bien, et il avancera avec précautions, même si le contexte est difficile, alors que Donald Trump fait une fixation sur le lait canadien.

À Ottawa, dans les derniers jours, on s'est préparé à tous les scénarios. Et celui de devoir sortir de Washington sans accord sur l'ALENA est assez haut sur la liste des possibilités. Ce n'est pas une mince information: les échanges commerciaux entre le Canada et les États-Unis représentent 900 milliards de dollars par année — 2,5 milliards $ par jour. Pour le Québec, les exportations internationales se chiffrent à 189 milliards de dollars, soit 28 % de notre économie. Et 71 % de ce montant vient de la relation commerciale avec les États-Unis.

Si ça continue à accrocher, le gouvernement Trudeau pourrait s'en remettre au Congrès américain, qui souhaite un accord avec le Canada et qui n'a pas donné le mandat à Trump de négocier une entente séparée avec le Mexique. La fin des négos ne serait pas automatiquement la fin de l'ALENA. Mais le coup de tonnerre serait néanmoins puissant. Et le pari, important.

Outre la gestion de l'offre, le chapitre 19, soit le mécanisme de règlement des différends, accroche aussi à la table des négociations. C'est ce tribunal composé d'experts des deux pays qui a si souvent permis au Canada de remporter des victoires lors des litiges sur le bois d'oeuvre. Les États-Unis estiment que c'est une atteinte à la souveraineté de leurs tribunaux et veulent s'en débarrasser, mais l'imprévisibilité de Donald Trump et sa propension à déclencher des guerres commerciales tous azimuts ont convaincu Ottawa que le chapitre 19 était plus crucial que jamais.

Le troisième et dernier point important en ballotage est l'exception culturelle, qui permet au Canada de ne pas se faire écraser par les rouleaux compresseurs américains d'Hollywood et de la Silicon Valley. Cette clause empêche les médias américains d'acheter des entreprises médiatiques canadiennes, protège le marché publicitaire canadien des pubs de nos voisins du sud, permet d'imposer des quotas de musique francophone à la radio, de subventionner notre culture et nos entreprises de divertissement, etc. Washington veut des assouplissements, Ottawa refuse.

Et c'est ici qu'intervient la cape de Capitaine Canada. Si Ottawa doit se retirer des négociations en raison de l'intransigeance de Donald Trump, il faudra expliquer aux Canadiens ce qui a conduit à l'échec et pourquoi le gouvernement est maintenant dépendant de la bonne foi du Congrès. Le chapitre 19 reste un brin technique à expliquer, alors que la gestion de l'offre résonne fort au Québec et en Ontario, mais pas ailleurs.

Par contre, l'exception culturelle, c'est facile à comprendre. Il y a une bonne dose d'émotion dans la protection de l'identité canadienne. Ça marche autant dans l'Ouest que dans l'Atlantique, et surtout au Québec, où la culture, en raison de la langue et de notre statut minoritaire en Amérique du Nord, est au-devant de l'actualité à longueur d'année.

C'est ainsi que mardi, Justin Trudeau a soutenu que renoncer aux exemptions pour les industries culturelles canadiennes équivaudrait à renoncer à la souveraineté et à l'identité canadiennes. « Il est inconcevable pour les Canadiens qu'un média américain puisse acheter un média canadien, que ce soit un journal, une chaine ou un groupe de télévision », a-t-il dit lors d'une conférence de presse à Vancouver.
Face à un Andrew Scheer qui reprocherait à Trudeau d'avoir sacrifié un accord économique vital pour le pays, le premier ministre répondrait qu'il était impossible de sacrifier l'identité canadienne. Et s'il parvient à arracher une entente, même avec peu de gains, Justin Trudeau dira qu'il a préservé l'essentiel.

C'est une position habile, mais de repli. Si les négociations allaient bien avec Washington, si le Mexique n'avait pas trahi le Canada en négociant plus que prévu avec les États-Unis, Justin Trudeau n'aurait pas été confronté à des négociations de dernières minutes aussi intenses, et n'aurait pas senti le besoin de préparer les esprits à un possible échec depuis quelques jours.

Qu'est-ce que ça veut dire pour la campagne électorale au Québec? Si les négociations achoppent, ce que personne ne souhaite, tous les chefs vont se précipiter sur la cape de Capitaine Québec. Ce sera à qui va défendre avec le plus d'ardeurs les intérêts du Québec face à Donald Trump, avec au passage

ABC-portuscale. Crédits:

Auteurs identifiés; Aicep; Santé Canada; Histoire du Canada; Internet et quelques inconnus.
Compliation, coordination et montage: *Raul Mesquita.*
info@abcportuscale.com / www.abcportuscale.com
Edité à Québec/Canada (depuis 2013)

Trump, Trudeau et la cape de capitaine Québec

quelques taloches au gouvernement Trudeau qui a négocié dans les derniers mois.

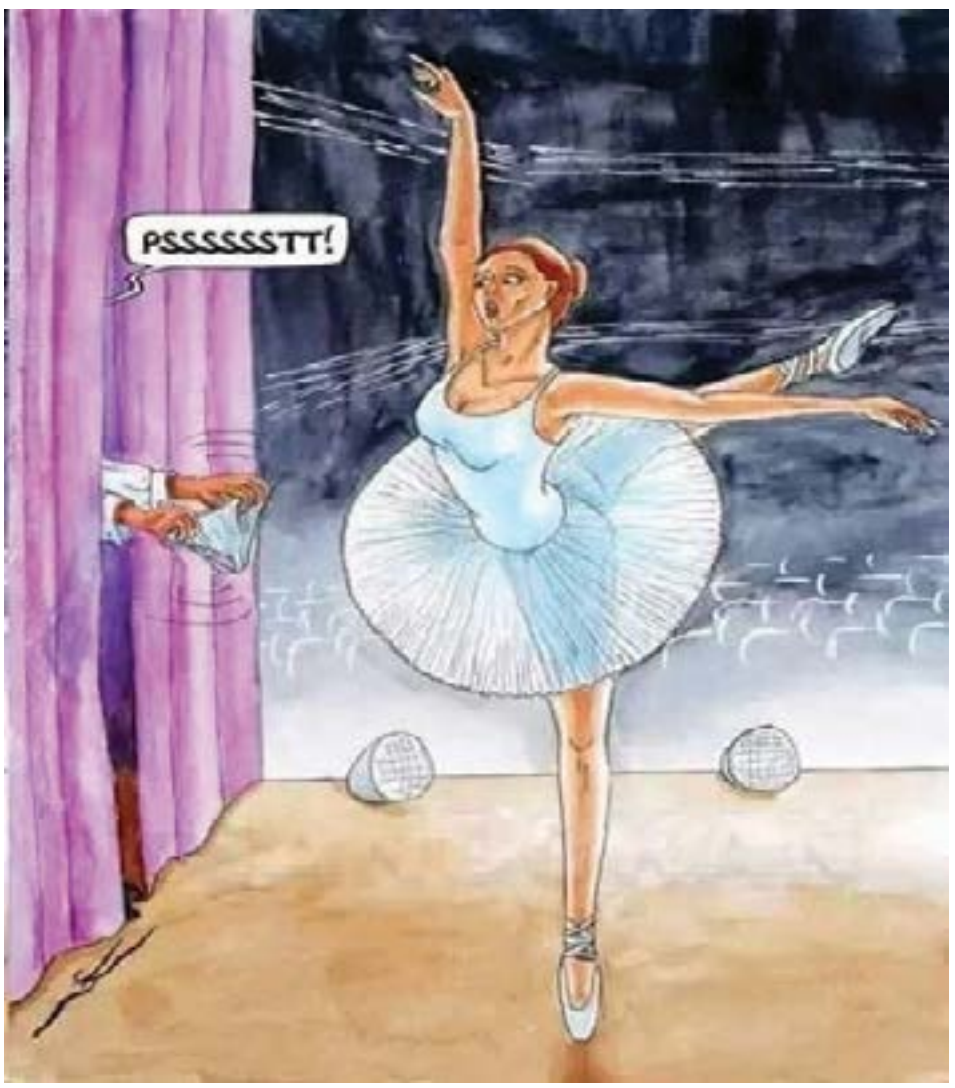
C'était l'objectif du « just watch me ! » du chef libéral Philippe Couillard la semaine dernière, alors qu'il était question de gestion de l'offre et de « conséquences politiques sérieuses » pour Justin Trudeau s'il faisait des concessions sur ce front. La phrase était aussi spontanée que malhabile, étant donné sa référence historique chargée — Pierre Elliot Trudeau l'a prononcée trois jours avant d'imposer la Loi sur les mesures de guerre en 1970 — mais le chef du PLQ voulait rapidement se positionner comme le champion des agriculteurs, à la défense des intérêts du Québec.

Philippe Couillard a toutefois dû baisser le ton après avoir compris, lors de sa conversation avec Justin Trudeau, qu'une brèche, même minime, dans la gestion de l'offre, était un passage obligé pour avoir un accord qui profiterait à l'ensemble de l'économie québécoise. Le PLQ a l'avantage d'être la valeur refuge politique en matière économique quand ça brasse, mais a le désavantage de ne pas être perçu comme ayant beaucoup de mordant face à Ottawa depuis que M. Couillard est premier ministre.

Le PQ, qu'on ne peut accuser d'être mou envers Ottawa, et la CAQ, qui a une plate-forme nationaliste avec des revendications de pouvoirs envers le fédéral, vont aussi tenter de jouer dans ce film de super-héros à la défense du Québec face à Trump et à Ottawa.

Ce sera plus difficile de diaboliser Trudeau s'il se bat pour l'exception culturelle, mais ça n'empêchera pas les partis de chercher une cible, qu'elle soit à Ottawa ou Washington. Si l'ALENA dérape, être identifié aux yeux des électeurs comme Capitaine Québec dans cette période tumultueuse serait un avantage indéniable pour un chef en pleine campagne. Le rôle ne vient toutefois pas sans inconvénient. Il y a environ 6000 fermes laitières au Québec, et la transformation des produits laitiers emploie près de 42 000 personnes. C'est un puissant lobby, l'un des plus puissants au pays, mais il ne sera pas seul à faire pression sur le gouvernement et les chefs. Il y a 124 scieries et près de 27 000 emplois qui dépendent du bois d'oeuvre au Québec, et pour qui le mécanisme de règlement des différends, le chapitre 19, est très important. Il y a 175 000 personnes qui oeuvrent dans l'industrie culturelle dans la province… Ils vont tous se faire entendre.

Ce ne sera pas facile à arbitrer pour celui qui revêtira la cape de Capitaine Québec. Les prochains jours promettent d'être intéressants.



Syrie : Idleb, ultime bastion rebelle, redoute un assaut imminent

La rencontre de la dernière chance. Les présidents d'Iran, de Russie et de Turquie se retrouvent en sommet vendredi 7 septembre à Téhéran pour décider du sort de la province d'Idleb, ultime grand bastion djihadiste et rebelle de Syrie où la communauté internationale redoute un désastre humanitaire imminent. Les discussions entre le président iranien Hassan Rohani et ses homologues Vladimir Poutine (Russie) et Recep Tayyip Erdogan (Turquie) doivent se tenir dans l'après-midi, quelques heures seulement avant une autre réunion sur la situation à Idleb, convoquée par les États-Unis au Conseil de sécurité de l'ONU. Selon la télévision d'État iranienne, les trois dirigeants auront chacun *« des rencontres bilatérales »* en marge de leur sommet.

Conquis en 2015 par les insurgés, Idleb, dans le nord-ouest de la Syrie, est leur dernier grand bastion dans le pays. C'est là qu'ont été envoyés des dizaines de milliers de rebelles et de civils évacués d'autres bastions de l'opposition repris par les forces loyalistes à travers le pays. Jeudi 6 septembre, des centaines de civils ont commencé à fuir la zone par crainte d'un assaut imminent des troupes gouvernementales. Déterminé à reprendre l'ensemble du territoire et fort du soutien militaire russe et iranien, le régime du président syrien Bachar el-Assad a massé des renforts aux abords de la province, frontalière de la Turquie et dominée par les djihadistes de Hayat Tahrir al-Cham (HTS), mais qui accueille aussi d'importantes factions rebelles.

« Nous avons tué, nous tuons et nous tuerons les terroristes »

Damas, Moscou et Téhéran doivent cependant tenir compte de la position de la Turquie, soutien des rebelles, qui dispose de troupes à Idleb et craint un afflux massif de réfugiés sur son territoire. *« La situation à Idleb sera l'un des sujets principaux de discussions »* du sommet de Téhéran, a déclaré le porte-parole du Kremlin, *« nous savons que les forces syriennes s'apprêtent à régler ce problème* ». Avant la réunion, Téhéran et Moscou ont réaffirmé leur soutien au régime de Damas. *« Nous avons tué, nous tuons et nous tuerons les terroristes (...) Et peu importe qu'ils se trouvent à Alep, à Idleb ou en d'autres points de la Syrie »*, a déclaré jeudi Maria Zakharova, porte-parole de la diplomatie russe.

Lundi 3 septembre, son homologue iranien, Bahram Ghassemi, avait assuré Damas du « soutien » de l'Iran et de la volonté de son pays de *« poursuivre son rôle de conseiller et son aide pour la prochaine campagne d'Idleb »*. La rencontre entre MM. Rohani, Poutine et Erdogan pourrait déterminer l'ampleur et le calendrier de l'offensive contre Idleb. Leurs trois pays ont acquis un rôle incontournable dans le conflit, à travers leur appui militaire crucial aux belligérants et le lancement du processus d'Astana, qui a éclipsé les négociations sous l'égide de l'ONU pour tenter de mettre un terme au conflit, qui a fait plus de 350 000 morts depuis 2011. Damas, Moscou et Ankara ont été ces jours-ci le théâtre d'un intense ballet diplomatique.

La Turquie craint un « massacre »

Selon le quotidien syrien pro-étatique Al-Watan, les résultats des discussions seront présentés à la rencontre de Téhéran où les trois puissances *« décideront de l'heure zéro de l'opération de l'armée syrienne, qui devrait intervenir immédiatement après le sommet ».* La Turquie, qui dit craindre un « massacre » et un nouvel afflux de réfugiés à sa frontière, a affirmé qu'elle allait tenter à Téhéran d'empêcher un assaut. L'Iran, de son côté, a assuré vouloir aider Damas à chasser les insurgés d'Idleb *« avec le moins possible de pertes humaines »* et Moscou a fait état d'efforts en cours pour *« séparer au sol (...) les opposants armés normaux des terroristes ».*

Au total, quelque trois millions d'habitants vivent dans la province d'Idleb et les quelques poches insurgées dans les provinces voisines de Hama, Alep ou encore Lattaquié, selon l'ONU. Près de la moitié sont des déplacés. Mercredi 5 septembre, les Nations unies ont mis en garde contre un *« bain de sang »* à Idleb, craignant qu'une offensive ne provoque une catastrophe humanitaire d'une ampleur inédite depuis le début du conflit syrien. La Maison-Blanche a mis en garde mardi Damas et ses alliés russe et iranien contre un recours aux armes chimiques à Idleb. « Le monde [...] et les États-Unis regardent [...] de très près » la situation, *« si c'est un massacre, le monde sera très très en colère et les États-Unis seront également très en colère »,* a averti mercredi le président américain Donald Trump.

Boas-vindas do Québec

Esmaltado por refinadas cidades e vilas e povoada de “bons vivants”, o Québec é um vasto território de uma beleza divina. Mas sobretudo, esta província com perfume francês tem um coração tão grande como a sua superfície.

Luzes sobre a cidade

Europeia, mas norte — americana, francófona, mas perfeitamente bilingue, cosmopolita, mas pitoresca, Montreal conjuga os paradoxos com visão e objectividade. No Velho Montreal, os Cafés Terraços alinhados ao longo das ruas estreitas convidam a passeatas descontraídas. Um pouco mais longe, os barcos “moscas” embarcam os passageiros para um cruzeiro no rio. Uma passeata no Este da cidade vos permitirá de visitar três atractivos turísticos populares. Poderão subir no elevador ao topo do mastro do Estado Olímpico; empurrar a porta de acesso e descobrir o Biodôme, um museu ambiental ou, atravessar a rua e fazer uma visita ao Jardim Botânico de Montreal, uma pura maravilha. De resto, a cidade possui imensos museus interessantes. O Museu das Belas Artes e o de Pointe-à-Calière — o fascinante Museu de Arqueologia e História de Montreal — contam por entre os incontornáveis. No Verão, a cidade apresenta uma série de manifestações endiabradas, como o Festival de Jazz de Montreal. Empoleirada no seu promontório, Québec, a capital provincial e o berço da civilização francesa na América do Norte, domina o rio São Lourenço. Façam a volta do Velho Québec, designado sítio do Património Mundial da Unesco, um verdadeiro museu ao ar livre atravessado por pequenas ruas inclinadas e edifícios em pedra cobertos por telhados multicores. Não esquecer uma paragem na Praça Real, local da fundação da cidade e nas lojas e cafés do bairro histórico Petit-Champlain. Do Terraço Dufferin, face ao célebre Palácio Frontenac, admirem o rio em todo o seu esplendor. Por entre os numerosos museus da cidade, mencionemos o Museu da Civilização, reconhecido pelas suas fascinantes exposições interactivas, e o Museu de Québec, que possui uma importante colecção de arte quebequense.
No Oeste da província, Hull (actualmente Gatineau) propõe igualmente numerosas atracções, começando pelo Museu Canadiano das Civilizações, que retraça as etapas do desenvolvimento do Canadá depois de um milénio.

Sobre a água

Com dezenas de lagos e rios o Parque de Gatineau, uma extensão selvagem florestal situada próximo da cidade do mesmo nome, é uma destinação privilegiada pelos canonistas. Próximo de Montreal abre-se um esplêndido jardim: os Laurentides, uma região onde o passeio de barco se estende ao infinito.

Certas regiões são tudo indicadas para passeios em pequenos barcos desportivos, como o kayak, tal como o “fjord du Saguenay”, por entre falésias vertiginosas onde se deliciam baleias. O litoral Sul da península da Gaspé, rendilhada de baías e esmaltada de pequenas vilórias, é outro sítio procurado.
É no Québec onde corre um dos rios mais procurados para raft na América do Norte. Os agitados rápidos, as gargantas profundas e as largas praias da Rivière Rouge atraem numerosos amadores. A alguns quilómetros da cidade de Québec, o impetuoso rio Jacques-Cartier propõe uma descida digna de um passeio nas montanhas russas. Para os mais intrépidos uma incursão na região de Abitibi-Témiscamingue, com os seus impetuosos 25 rios na sua vasta floresta, saberá certamente satisfazê-los.

Natureza

Nas cada vez mais frequentes Rotas Verdes que atravessam a província em todos os sentidos, os amantes da bicicleta encontrarão razões de grande satisfação. Poderão pedalar no Parque Linear do P’tit Train do Nord, nos Laurentides, na magnífica região Saguenay-Lac -St-Jean, Jacques-Cartier-Portneuf ou nas Ilhas da Madalena. Os amadores da marcha apenas terão o embaraço da escolha, tantos são os destinos que se lhes oferecem. Seja a subida dos 478 degraus que levam ao topo das Quedas Montmorency, mais altas que as de Niágara, para apreciar a magnífica vista sobre o rio, atravessar o Parque dos Grands-Jardins, ou a Traversée de Charlevoix, para a qual se deve dispor de uma semana para completar o trajecto. Têm também os trilhos panorâmicos da Reserva Fauniana Mastigouche ou explorar as florestas boreais nos gigantescos montes Groulx. Se preferir a escalada, a cidade de Val-David, berço desse desporto na província, é a predilecção dos amadores.

Parques nacionais

Com as suas colinas arborizadas, falésias de arenitos e baías arenosas, o Parque Nacional Florillon, na ponta da península da Gaspé, é um paraíso para as caminhadas. Baleias e focas se entrechocam ao largo enquanto que veados, cabritos, linces e raposas erram nas paragens. No alto, bem alto, milhares de pássaros sobrevoam os passantes.

O Parque Nacional da Mauricia, com o seu tapete de verdura florestal, de límpidos lagos e praias douradas, é outro dos destinos propostos para o campismo, canot ou a vela.
Na Reserva do Parque Nacional do Arquipélago-de-Mingan, ao longo da margem norte do São Lourenço, terá ocasião de apreciar as célebres e misteriosas formações rochosas, esculpidas pelos ventos e marés.

Outono

O Outono transforma as florestas do Québec num ramo de grená, açafrão e laranja, num conjunto de maravilhoso colorido que todos os anos atraem numerosos turistas e encantam os residentes, que se deslocam às regiões mais acidentadas para apreciar este fenomenal espectáculo da Natureza. Seja nos Laurentides, Cantons-de-l’Est, Charlevoix ou qualquer outra região, já que o panorama cobre toda a província.

Despertando os espíritos

O Québec conta no seu território com mais de 100.000 ameríndios divididos em dois grupos distintos que incluem os Montagnais, os Hurons, os Algonquins e os Attikameks no Sul, os Cris e os Inuits no Norte.

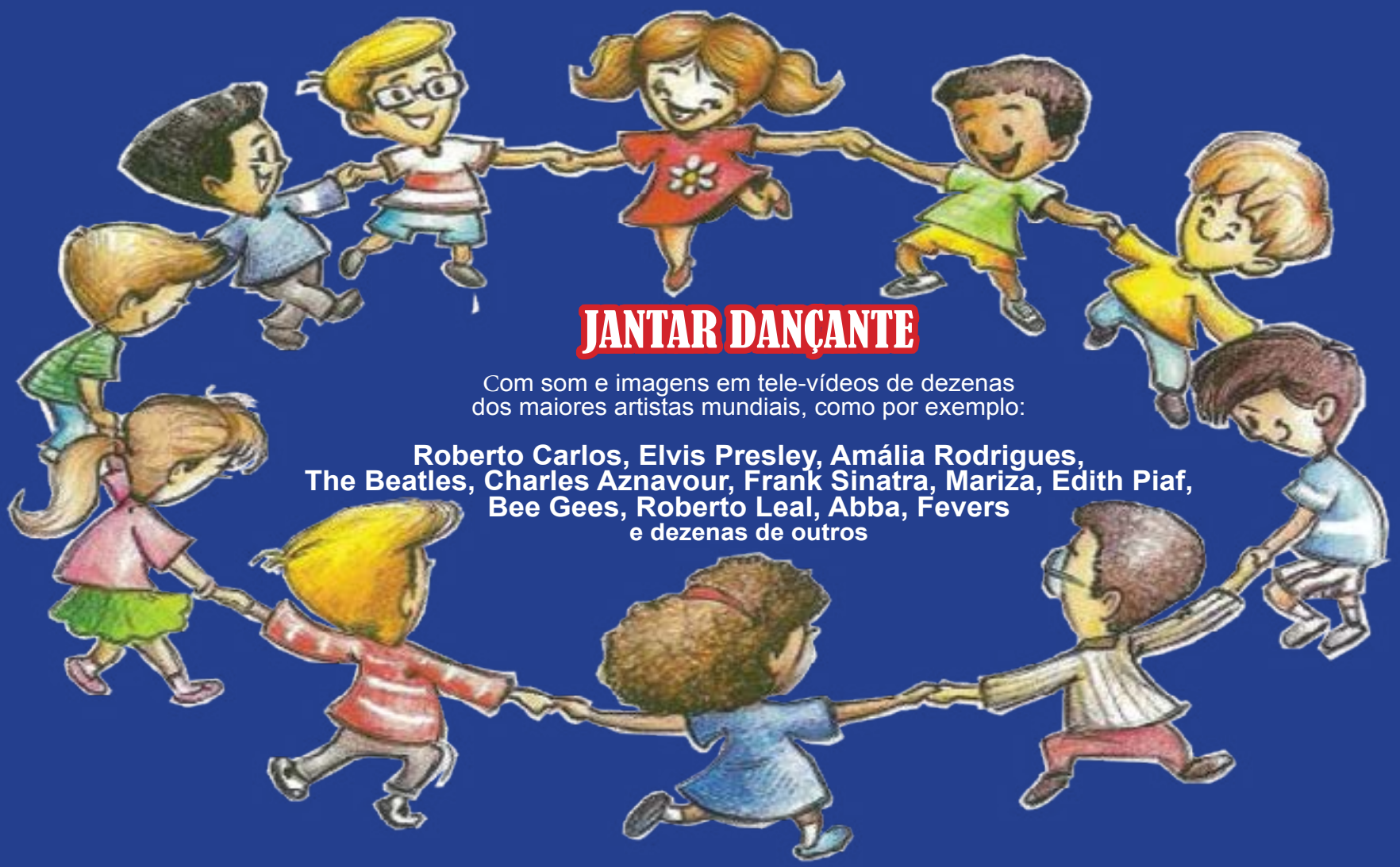
Cada grupo caracteriza-se pela sua Língua, seus costumes, sua maneira de viver, sua história e sua geografia. Muitas destas nações continuam a viver nas terras que elas ocupavam antes da chegada dos Europeus e desejam partilhar os seus costumes ancestrais com os visitantes.
Muito há a aprender com eles e muito mais haveria a acrescentar neste resumo que a falta de mais espaço nos limita.
Fica porém o convite a visitarem a província, com a certeza de que encontrarão sempre razões para voltarem.

Tradução e adaptação por RM

Uma comunidade

DE MÃOS DADAS PELAS CRIANÇAS DIABÉTICAS

6 de Outubro de 2018 às 19 horas
No Centro Comunitário Nossa Senhora de Fátima
1815 rue Favreau, Laval Qc, H7T2H1



JANTAR DANÇANTE

Com som e imagens em tele-vídeos de dezenas
dos maiores artistas mundiais, como por exemplo:

Roberto Carlos, Elvis Presley, Amália Rodrigues,
The Beatles, Charles Aznavour, Frank Sinatra, Mariza, Edith Piaf,
Bee Gees, Roberto Leal, Abba, Fevers
e dezenas de outros

azores airlines

Desjardins
Caisse Portugaise

TAP AIR PORTUGAL

Fred FONDATION RESSOURCES POUR LES ENFANTS DIABÉTIQUES

Bilhetes à venda:

Padaria-Pastelaria S.Miguel - 4385 St. Martin Oeste, Laval, Tel. 450-978-9667
Santander Totta - 4245 Boul.St.Laurent, Montreal, Tel. 514-281-0702
Soares e Filhos - 130 Duluth E., Montreal, Tel. 514-288-2451
Café Central Português - 4051 St.Dominique, Montreal, Tel. 514-289-9367
Fondation Ressources pour les enfants diabétiques - 306 St-Zotique E., Montreal, Tel. 514-731-9683

www.diabetes - children.ca informações: (514) 577.5536

L'autre blackface

« Le vrai blackface est là, au fond : chez tous ceux et celles qui ne disent pas ce qu'ils pensent, parce qu'ils n'en ont pas le droit. Mais qui n'en pensent ou n'en font pas moins. »

Par David Desjardins / Act.

Je sais, oui… Vous vous dites : ah non, pas encore une chronique à propos de SLĀV et de l'appropriation culturelle. C'est juste qu'il me reste une question à poser.

C'était bon, le spectacle ?
Oui, oui, j'ai lu les quelques critiques. Mais ce n'est pas comme si je pouvais m'y fier. Alors que les journalistes, pour la plupart, défendent avec ferveur une liberté d'expression qui est un peu la leur aussi, ils ne pouvaient pas vraiment juger de la proposition de Robert Lepage et Betty Bonifassi avec objectivité. Déjà que, lorsqu'il s'agit de Lepage, la presse dégouline de bonheur avant même que les lumières du théâtre s'éteignent…

Alors, c'était bon ? Vraiment bon, ou parce qu'il fallait que ce le soit ?

Je l'ignore. Le spectacle a été annulé, mais personne n'a gagné. Surtout pas ceux qui souhaitaient son retrait. Qu'ils le veuillent ou non, on n'effacera pas le racisme systémique ou l'appropriation culturelle en condamnant un spectacle autour des chants d'esclaves qui ne met pas en avant un nombre suffisant d'acteurs noirs. Pas plus qu'on ne fera un grand avocat de la diversité de celui auquel on enlève le mot *« nègre »* de la bouche.

Ces deux racismes se contentent d'exister en silence.

Ne rêvez pas d'un autre spectacle sur l'esclavage avec plus de Noirs dedans ou avec plus de consultations auprès de la communauté. Il n'y aura juste pas de spectacle. Enfin, ce que je veux dire, c'est que s'il y en a un, il n'aura jamais la portée qu'offre une création de Lepage. Il n'amorcera donc pas de dialogue, parce qu'il se fera en circuit fermé, dans la solitude des communautés culturelles. C'est pour cela que la censure est perverse. Elle ne change rien. À part semer la zizanie entre des alliés naturels — quiconque est à la fois épris de justice sociale et de liberté —, soudainement pris dans le feu croisé de revendications absolument valables sur la représentation des minorités dans la culture et la notion d'art qui n'est qu'appropriation, et rien d'autre. Créer n'est que remixage. L'art n'est qu'un vaste projet d'échantillonnage.

Aussi, la rectitude politique que commandent les militants qu'on a pu entendre et lire dans cette histoire n'est que maquillage.

Le vrai blackface est là, au fond : chez tous ceux et celles qui ne disent pas ce qu'ils pensent, parce qu'ils n'en ont pas le droit. Mais qui n'en pensent ou n'en font pas moins.

Et là, je ne parle même pas des gros cons. Des gens qui hurlent des injures aux femmes voilées dans la rue ou qui refusent de louer un logement à une famille malienne.

Je parle du petit racisme de rien du tout. Celui qu'on porte en soi sans le savoir et qui se traduit par des pensées fugaces aussitôt chassées par un mélange d'empathie et de culpabilité. Il faut croire aux licornes pour imaginer que ces formes de discrimination disparaîtront de sitôt. D'autant que l'épisode SLĀV a, par l'entremise des habituels porte-voix médiatiques de la peur de l'Autre, donné en masse des munitions aux gros cons, et de quoi se déculpabiliser pour les autres.

Alors, c'était bon, le spectacle ?

Ç'aurait pu l'être. Bon pour nous tous, je veux dire. Mais il aurait fallu l'avis de Noirs qui ne sont pas aussi remontés que ceux qui ont abreuvé les spectateurs d'injures. J'aurais aimé qu'ils me disent : voici en quoi vous n'avez rien compris à notre douleur, à notre histoire.

J'aurais voulu qu'ils viennent m'essuyer la figure, m'enlever l'invisible et pourtant bienveillant blackface de celui qui croit comprendre, mais qui ignore tout. Parce que je ne sais rien de ce que c'est de ne pas être moi, malgré toute l'empathie dont je me crois imbibé. Parce qu'on ne m'a jamais montré du doigt en raison de ma couleur. Parce qu'on ne m'a jamais dit : t'es beau pour un Noir, comme la fois que c'est arrivé à mon ami Webster, et que j'avais ri — avec lui, supposais-je — dans un mélange de malaise et de lâcheté.

Puis, j'aurais voulu qu'on parle d'art, qui n'a pas de permission à demander, mais qui doit essuyer les reproches qu'on lui fait. Ça ne s'est pas produit. De part et d'autre, on a échangé tellement de slogans et si peu d'arguments. L'époque confond la pensée et le marketing.

La censure est perverse. Elle nous renvoie patauger dans nos ornières, à ce que nous pensons intimement. Elle n'ouvre pas les fenêtres comme le font la discussion, le débat, une bonne engueulade, elle n'épure pas l'air ambiant. Au contraire. Elle le rend fétide. Comme en ce moment.

O BOM PAPA FRANCISCO E A PEDOFILIA

É sabido que a Igreja de Roma, na pessoa do seu Sumo Pontífice enfrenta uma guerra tenebrosa que tem como finalidade destituir aquele que é uma personalidade mundialmente reconhecida por todos os seres humanos, homens de boa vontade, católicos ou não. A Curia Romana, tendo como porta voz o Arcebispo Carlo Vigano, conectado com a ala conservadora do poder cardinalício atacou o bom Papa Francisco *«forte e feio».*

É sabido que ao longo dos séculos a prática da pedofilia tem sido uma constante real, onde estão incluídos altos membros da Igreja Católica e mais recentemente, rebentou o escândalo do Cardeal pedófilo Theodor McCarrick publicamente acusado de abusos sexuais.

Quanto à questão da prática pedofila, logo no mundo se levantaram vozes apoiando Francisco, como é o caso do nosso português Frei Gonçalo Portocarrero de Almada, que publicou no site Observador um artigo intitulado «*Tolerância zero para a pedofilia".*

O mesmo defende que só uma Igreja verdadeira e humilde é credível. Mais adiante, recorda as recentes palavras do Papa Francisco aquando afirmou «É imperativo que nós, como Igreja Universal, possamos reconhecer e condenar, com imensa dor e vergonha, as atrocidades cometidas por pessoas consagradas».
Ao encerrar esta pequena crónica, quero destacar que Portugal, de imediato através do seu Patriarca D. Manuel Clemente e do Cardeal D. António Marto, tornaram publica a solidariedade com o Líder da Igreja Católica. Também os mais altos líderes, civis portugueses apoiaram o Bom Papa Francisco.
Há crimes que só Deus poderá perdoar...

Armando Rebelo

OBRAS RECENTEMENTE SAÍDAS

O ESPECTRO DOS POPULISMOS-*TINTA DA CHINA EDITORA*

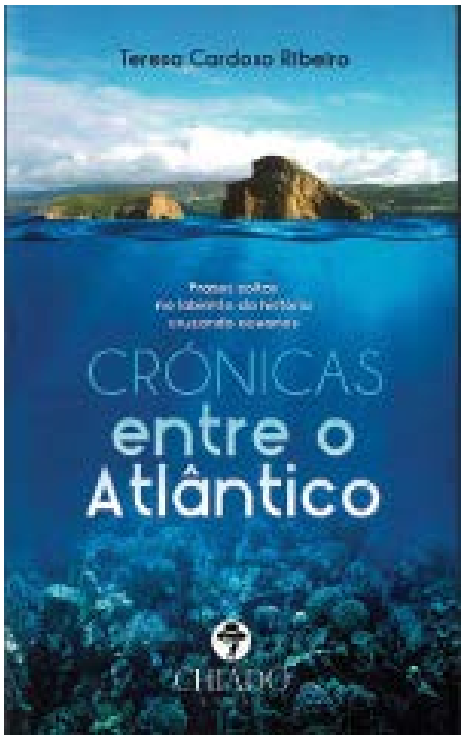
Esta obra contém textos dos mais reputados intelectuais portugueses, sobre a explosão das forças Populistas, no contexto da sua história, bem como no que se refere a ideologias.

Trata-se de um debate essencial, com a finalidade de salvaguardar as democracias, tão ameaçadas no tempo actual.
Este livro coordenado por Cecília Honório, é um desafio para os políticos e não só. lerem e meditarem.

CRÓNICAS ENTRE O ATLÂNTICO-*CHIADO BOOKS*

Obra escrita por Teresa Cardoso Ribeiro, que nos narra em capítulos curtos o labirinto da história, cruzando oceanos. O texto oferece-nos uma simbiose, quase poética, entre figuras históricas e as ilhas encantadas dos Açores. Vale a pena ler estas histórias.

Armando Rebelo



O último prisioneiro da fortaleza construída pelos portugueses

Índia vai encerrar a cadeia de Diu na fortaleza construída em 1535 e considerada uma das maravilhas de origem portuguesa no mundo. Um homem de 30 anos é o último recluso

Por David Mandim

Fortaleza de Diu

Uma das Maravilhas Portuguesas no Mundo

Quando a Índia tomou conta da Fortaleza de Diu, em 1961, esta estrutura de arquitetura militar construída pelos portugueses há quase 500 anos já integrava uma cadeia. A área de reclusão manteve-se aberta na ilha indiana mas o seu encerramento já está decidido. Para se consumar só falta sair o último dos reclusos, um homem de 30 anos que aguarda julgamento e que ocupa sozinho a ala prisional, vigiado por cinco guardas. É o prisioneiro mais solitário da Índia. Quando sair, e não há data prevista, o espaço irá ser entregue à agência arqueológica indiana para fins culturais e turísticos

O recluso, Deepak Kanji, 30 anos, vive numa cela que foi concebida para 20 pessoas - a área total da cadeia recebia até 60. Tem direito a cama, água, televisão e 50 metros quadrados de espaço vazio. Preso por tentativa de homicídio da mulher, por envenenamento, o homem só pode sair da cela durante duas horas por dia. Com cinco guardas prisionais e um funcionário, a prisão tem as suas torres de vigia vazias.

Prisioneiro mais solitário da Índia

"Fazemos turnos e o preso é vigiado 24 horas por dia, mas a situação tem os seus desafios", disse Chandrahas Vaja, que dirige a prisão, ao jornal The Hindustan Times. *"Não podemos proporcionar nenhuma actividade para o prisioneiro, pois é o único. Para as refeições dele, tivemos de fazer um acordo especial com um restaurante perto do forte",* acrescentou.

Desde 2013 que a decisão de encerrar a cadeia está tomada. Na altura, estavam ali sete reclusos, incluindo duas mulheres. Quatro foram transferidos para a prisão de Amreli, a cerca de 100 km de Diu, e outros dois já cumpriram as penas desde aí. Kanji ficou sozinho já que o seu processo ainda está em julgamento no Tribunal de Diu. *"É conveniente mantê-lo aqui enquanto será julgado. As audiências são no tribunal de Diu e Amreli, a prisão mais próxima, fica muito longe",* explicou o chefe dos guardas.

O problema é que o prisioneiro todos os dias pergunta pela sua situação na justiça, devido ao isolamento, alega o responsável da prisão. *"Os guardas têm que fazer companhia porque não há mais ninguém. Em prisões maiores, com mais pessoas, as autoridades organizam atividades sociais que são importantes para a saúde de qualquer prisioneiro. Aqui, pouco podemos fazer. Esperamos que a transferência aconteça rapidamente."*

Uma das maravilhas portuguesas no mundo

A Fortaleza de Diu foi construída em 1535/1536, mas teve restauros posteriores e alterações significativas em 1546, e é uma estrutura arquitetónica considerada ímpar na expansão portuguesa. Foi decisiva para que Portugal conseguisse o controlo da rota marítima das especiarias e das sedas no século XVI. Com a sua localização no Índico, era importante como entreposto comercial. Chegou a ser conhecida como a Gibraltar do Oriente. Os portugueses estiveram 424 anos em Diu, entre 1537 e 1961 ano em que através da Operação Vijay a União Indiana, que conquistou a independência em 1947, acabou com o domínio português em Goa, Damão e Diu.

Em 2009 foi classificada como uma das sete maravilhas de origem portuguesa no mundo, numa iniciativa do governo português para divulgar o património que Portugal deixou no Mundo durante a expansão marítima.

A prisão, ocupando apenas uma pequena parte, já funcionava quando a Índia tomou conta de Diu, em 1961. Hoje, os turistas podem visitar a fortaleza sem terem, contudo, acesso ao estabelecimento prisional. Para já. A ideia é que todo o monumento fique acessível aos visitantes e já há planos para dotar o espaço de novas funcionalidades para ser um destino turístico mais atractivo.

As autoridades de Diu também anseiam pela saída do último prisioneiro. Já usam o slogan *"Diu sem crime"* para promover o antigo território português, já que a zona, defendem, tem uma criminalidade muito baixa e o encerramento da prisão é uma medida saudada como um passo para a promoção turística.

Nascidos fora de Portugal, eles preferem a nacionalidade portuguesa

Os compromissos da Direcção Editorial

Hoje como sempre, os jornais independentes precisam de uma cidadania activa e informada. Estamos conscientes do papel que nos cabe nessa relação.
E garantimos aqui o nosso empenho em cumpri-lo.

A equipa: MANUEL CARVALHO, AMÍLCAR CORREIA, ANA SÁ LOPES, DAVID PONTES e TIAGO LUZ PEDRO

DANIEL ROCHA (ARQUIVO)

Uma das certezas da equipa que todos os dias produz e leva até si o PÚBLICO em formato de papel ou na edição online é a nossa identificação com a herança que fez deste jornal uma referência da imprensa de qualidade em Portugal. Hoje, o dia em que uma nova Direcção Editorial inicia as suas funções, é obrigatório sublinhar a valia dessa herança para garantir que, no essencial, o PÚBLICO continuará a ser o PÚBLICO. Um jornal independente de todos os poderes. Um jornal a par das mudanças e dos desafios do país. Um jornal livre, inconformista, irreverente e crítico. Um jornal empenhado em promover os valores do seu estatuto editorial, no qual se consagra o apego à democracia, o respeito pelo Estado de direito, a liberdade de expressão, a protecção das minorias, o culto da tolerância, a subscrição dos ideais da construção europeia e a certeza de que, como portugueses, fazemos parte de um mundo que nos influencia e no qual temos o dever de participar.

Sabemos que ser jornalista hoje, fazer jornalismo hoje é um desafio ainda mais difícil. O espaço de tolerância em relação às ideias e opiniões dos outros reduziu-se, entre nós como no mundo. O empenho em perceber e aceitar diferentes pontos de vista, o cimento básico de uma sociedade nacional tolerante e a cola indispensável da coexistência democrática, está em recuo. O dever de escrutinar o poder político, seja o Governo ou a oposição, dá cada vez mais lugar à produção de anátemas ou de certezas sectárias que menosprezam a exigência, a defesa do interesse público ou a factualidade verificada. A crescente propensão, muito inflacionada pelas redes sociais, de se analisar o que se publica a partir de trincheiras ideológicas, partidárias ou clubísticas estimula o vazio onde germina o populismo, a xenofobia e os radicalismos. A pós-verdade e/ou a verdade pessoal, relativa e insusceptível de questionamento, ganharam terreno. A crise da imprensa é em grande medida um espelho da crise do espaço público – mas, reconheçamo-lo, é também, e com excessiva frequência, uma das suas causas.

Pensar um jornal pressupõe uma visão e uma ideia do país. O PÚBLICO, sabemo-lo nós e reconhecem-no os leitores, defende os valores da livre iniciativa, da democracia liberal, das liberdades individuais, da fiscalização e controlo dos poderes. Assumir estas posições não implica a renúncia em acolher, divulgar e estimular visões que legitimamente as questionam. O PÚBLICO continuará a ser o lugar onde todas as opiniões cabem, excepto as que promovam valores atentatórios ao nosso estatuto editorial, sejam o racismo, a xenofobia, a homofobia ou a apologia da violência.

Dirigir um jornal nos tempos duros em que vive a imprensa (e as democracias) não é tarefa fácil. A redacção do PÚBLICO assume-se como um espaço de resistência nesse desafio. Não abdicamos da nossa edição em papel. Nem de ser o único jornal verdadeiramente nacional, com duas redacções e edições nas principais cidades do país e leitores do Minho ao Algarve, da Estremadura aos Açores. Queremos ser ainda mais um elo de união do espaço lusófono — São Paulo é com frequência a cidade onde mais se lê o PÚBLICO, depois de Lisboa e Porto. E prometemos uma edição online renovada e reforçada. Sabemos que é na Internet que o jornalismo de qualidade há-de cimentar o seu futuro. Havemos de o garantir.

Para essas apostas, contamos com a mais brilhante e empenhada equipa de jornalistas do país. Contamos também com a dedicação ao projecto do nosso accionista e com o seu compromisso em conservar a liberdade e independência editorial da redacção, que persistem desde a fundação do PÚBLICO. Contamos com o apoio crucial dos restantes departamentos da empresa. Contamos ainda com a confiança dos nossos anunciantes. E contamos, fundamentalmente, com a cumplicidade e dedicação dos leitores mais exigentes e dedicados da imprensa portuguesa: os nossos leitores. Dos que compram o jornal ou o assinam nos suportes papel ou digital. Mas também dos que nos lêem na edição online e aos quais continuaremos a apelar para que se juntem a esse grupo.

Nestes dias em que os meios dos poderes constituídos para ocultar, gerir ou branquear os factos e a verdade crescem desmesuradamente, enquanto os recursos humanos e materiais das redacções encolhem, comprar ou assinar um jornal como o PÚBLICO é um compromisso cívico em favor de uma sociedade plural e democrática. Hoje como sempre, os jornais independentes precisam de uma cidadania activa e informada. Estamos conscientes do papel que nos cabe nessa relação. E garantimos aqui o nosso empenho em cumpri-lo.

Por decisão consensual os nossos textos são escritos intencionalmente no Português do Acordo de 1945, anti AO de 1992

De Port Said a Suez

Mais um tesouro do baú do DN: Eça de Queiroz, com 24 anos, a publicar em 1870 quatro reportagens no Egipto, endereçadas ao amigo Eduardo Coelho, fundador do Diário de Notícias. Esta é a primeira delas.

A gare do caminho-de-ferro do Cairo a Alexandria; A eterna confusão das festas de Suez ; O que é um maquinista nos caminhos-de-ferro egípcios ; O embarque em Alexandria ; Port Said ; A baía em festa ; Iluminações ; Um café cantante em Port Said ; Os pavilhões e os príncipes ; Abd el-Kader ; Mr. Bauer ; Os dois obeliscos de pau da entrada do canal ;Primeiros sustos

Sr. Redactor

Acedo com a mais perfeita vontade ao seu desejo de ter **a história *real* das festas de Suez. Conto-lhe, porém, simplesmente e descarnadamente, o que me ficou em memória daqueles dias confusos e cheios de factos:** tanto mais que as festas de Suez estão para mim entre duas recordações - o Cairo e Jerusalém: estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como pode estar um desenho linear a lápis, entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuária de Delaroche, o pintor do Evangelho.

Talvez em breve eu diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos seus profetas**. Hoje, faço-lhe apenas a narração trivial, o relatório chato das festas de Port Said, Ismailia e Suez.**

Tínhamos voltado, eu e o meu companheiro, o conde de Resende, de uma excursão às pirâmides de Gizé, aos templos de Sacara e às ruínas de Mênfis, quando no Cairo soubemos que estavam na baía de Alexandria os navios do quediva que deviam levar-nos a Port Said e Suez.

Vínhamos do sossego do deserto e das ruínas, e logo na gare do Cairo, ao partir para Alexandria, começámos a envolver-nos, bem a custo, naquela confusão irritante que foi o maior elemento de todas as festas de Suez. A previdente penetração da polícia egípcia tinha esquecido que trezentos convidados, ainda que não tenham a corpulência tradicional dos paxás e dos vizires, não podem caber em vinte lugares de vagões, estreitos como bancos de réus. Por isso, em volta das carruagens havia uma multidão tão ávida como no saque de uma cidade.

Jonas Ali, o nosso drogman, um núbio, intrigou, conspirou, clamou e alcançou-nos numa carruagem de segunda classe, miseravelmente desmoronada, dois lugares empoeirados.

Confesso que foi com o maior tédio que comecei a atravessar a magnífica natureza do Delta. Demais, **os caminhos-de-ferro egípcios não têm uma velocidade fixa. Vão aos caprichos do maquinista, que, de vez em quando, para a máquina, desce, acende o cachimbo, ri com algum velho conhecimento de estrada, sorve minuciosamente o seu café, torna a subir bocejando, e faz partir distraidamente o trem**. Nesse dia, porém, o ar estava nublado, chuvoso; o maquinista levou-nos rapidamente a Alexandria. Na baía esperavam o Marsh, o Fayoum, o Behera, navios do paxá. O embarque fez-se com a confusão habitual, complicada com os embaraços de um mar agitado: os barcos iam cheios de gente; uns de pé, outros sentados na borda, roçando pela água, outros gravemente equilibrados sobre a acumulação pitoresca das bagagens: ria-se, fulminava-se a organização e a polícia das festas, gritava-se um pouco quando os barcos pesados oscilavam mais inquietadoramente. **Nós subimos para o Fayoum, que devia levantar ferro nessa tarde, apesar do tempo contrário e dos mares que nós víamos partir de longe na linha de rochedos que precede a baía de Alexandria.** E ao outro dia, por uma bela luz da manhã, entrávamos em Port Said por entre os dois grandes molhes que se adiantam paralelamente pelo mar, feitos de poderosos blocos de pedra solta. Port Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de indústria e de operários: isto dá-lhe uma especialidade de fisionomia: estaleiros, forjas, serralharias, armazéns de materiais, aparelhos destilatórios. Tal é Port Said. A sua construção foi determinada pela necessidade de haver um vasto porto, que fosse uma estação de navios, à entrada do canal, e primitivamente, para que engenheiros, maquinistas, diretores de obras, tivessem um centro. Isto dá-lhe um aspeto de cidade provisória. Como havia espaço, as ruas são largas como praças e compridas como avenidas: as casas são baixas, de materiais ligeiros: sente-se a construção rápida e a incerteza da duração. **Ali em Port Said, apesar dos seus doze mil habitantes, não há ainda um viver definitivo e regular. Não há estabelecimentos feitos na esperança da duração, não há comércios fixamente estabelecidos: tem tudo o aspecto de uma feira, que hoje ganha e prospera e amanhã se levanta e se dispersa. E isto porque, apesar da confiança de toda a população na prosperidade do canal, nenhuma profissão, nenhum comércio se quer arriscar a estabelecer-se de um modo definitivo, correndo o perigo de ver aquele começo de cidade estiolar-se e morrer miseravelmente**. Pois tal seria a sorte de Port Said, bem como de Ismailia, se o canal fosse uma inutilidade, abandonada do comércio e da navegação.

A sua construção ressente-se pois destas circunstâncias: nem edifícios, nem monumentos, nem construções sólidas e sérias: tudo é ligeiro, barato, provisório. A igreja católica é como uma grande barraca: vê-se o céu azul através do seu teto feito de grandes traves mal unidas. Tudo isto dá a Port Said um aspeto triste. No fim das festas, tempo depois, quando ali tornei a passar, em viagem para Jerusalém, pareceu-me pela apatia da vida, pelo silêncio, que o deserto começava de novo a aparecer por entre aquela fraca aparência de cidade.

Mas naquele dia 17, da inauguração, Port Said, cheio de gente, coberto de bandeiras, todo ruidoso dos tiros dos canhões e dos hurras da marinhagem, tendo no seu porto as esquadras da Europa, cheio de flâmulas, de arcos, de flores, de músicas, de cafés improvisados, de barracas de acampamento, de uniformes, tinha um belo e poderoso aspecto de vida. A baía de Port Said estava triunfante. **Era o primeiro dia das festas. Estavam ali as esquadras francesas do Levante, a esquadra italiana, os navios suecos, holandeses, alemães e russos, os iates dos príncipes, os vapores egípcios, a frota do paxá, as fragatas espanholas, a Aigle, com a imperatriz, o Mamondeh com**

J Y M ARCHITECTURE
Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

ORDRE DES TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS DU QUÉBEC

o quediva, e navios com todas as amostras de realeza, desde o imperador cristianíssimo Francisco José até ao quediva árabe Abd el-Kader. As salvas faziam o ar sonoro. Em todos os navios, empavesados e cheios de pavilhões, a marinhagem, perfilada nas vergas, saudava com vastos hurras. De todos os tombadilhos vinha o vivo ruído das músicas militares. O azul da baía era riscado em todos os sentidos pelos escaleres, a remos, a vapor, à vela: almirantes com os seus pavilhões, oficialidades todas resplandecentes de uniformes, gordos funcionários turcos afadigados e apopléticos, viajantes com os chapéus cobertos de véus e couffiés, cruzavam-se ruidosamente por entre os grandes navios ancorados; as barcas decrépitas dos árabes, apinhadas de turbantes, abriam as suas largas velas riscadas de azul. Sobre tudo isto o céu do Egito, de uma cor, de uma profundidade infinita. À noite a cidade iluminava-se, enchia-se de músicas, de festas populares. As esquadras tinham as suas armações e cordagens cobertas de fios de luz. Durante toda a noite os fogos-de-artifício, numa grande linha de terra, faziam, sobre o céu escuro, grande bordado luminoso.

Na baía havia um viver completo, como numa cidade: bailes a bordo dos navios, jantares, visitas trocadas, receções, passeios a remo, serenatas nos escaleres. De tudo isto saía uma luz, um ruído, um fluido de vida poderosamente original. **Havia em Port Said um café-cantante, memorável pela excentricidade da sua alegria: estava tão cheio de gente, que era necessário fumar, beber, ouvir, de pé, sufocado, hirto. Quando no palco aparecia a atriz para dizer a sua canção, as mil vozes daquela imensa multidão, acompanhadas do tinir cadenciado dos copos, do bater dos pés, dos assobios, dos uivos, dos gritos, começavam repetindo, com estrondo assombroso, a canção conhecida da atriz. Era bestial e extraordinário.**

No dia seguinte ao da chegada, descemos todos a terra para a cerimónia da inauguração. Do lado oposto aos molhes, para além da cidade, tinham-se construído três pavilhões, estrados tapetados e blasonados, sobre a areia húmida da espuma do mar. Era nesse lugar a celebração religiosa: os ulemás e os padres cristãos deviam abençoar e consagrar nos seus ritos o canal de Suez. Um grande cortejo de convidados precedido dos príncipes, entre os quais sobressaía a pensativa e bela figura de Abd el-Kader, dirigiu-se para esse lugar, entre duas fileiras de soldados egípcios, de arcos, de bandeiras, e de árabes que abriam grandes olhos**. No pavilhão principal, de cores triunfantes, colocavam-se os convidados reais e imperiais e os mais que podiam caber; no outro pavilhão estavam os ulemás maometanos; no terceiro os padres latinos, gregos, arménios e coptas.**

Diario de Noticias

Quando tudo estava colocado e o grande rumor da chegada e da confusão se acalmou, os ulemás prostraram-se, voltados para o lado de Meca, os padres cristãos começaram a missa, a artilharia salvou nas esquadras. Entretanto **a multidão apinhava-se sobre a areia húmida em volta dos estrados; a grossa figura vermelha do quediva estava radiosa, a imperatriz tinha um ar de compunção discreta, Mr. De Lesseps tinha o seu belo e inteligente sorriso; em redor e até ao fundo horizonte, o mar sereno reluzia.** Quando a artilharia findou, Mr. Bauer adiantou-se à beira do estrado e falou. Mr. Bauer é um homem baixo, pálido, de cara feminina e larga, cabelos pendentes em anéis sobre os ombros, asseado, bordado, perfumado, delicado, e com uma voz assombrosa. O que ele dizia eram palavras de fraternidade entre o Oriente e o Ocidente, esperanças de humanidade mais profunda, unida por aquela ligação marítima, palavras afáveis aos convidados reais, e recordações piedosas pelos corajosos trabalhadores, que durante aquela obra de luta morreram obscuramente. Quando ele disse o nome de Mr. De Lesseps, toda a imensa multidão bateu as palmas. Mr. Bauer findou, e o cortejo voltou à praia e dispersou-se pelos navios. Durante toda a noite os fogos-de-artifício, os clamores alegres da cidade, o ruído dos escaleres, as músicas, encheram a baía de vida.

Ao outro dia os navios começaram a mover-se lentamente, voltando a proa para um ponto da baía de Port Said, onde se erguiam, como os dois umbrais de uma porta, dois obeliscos de madeira vermelhos. **Era a entrada do canal de Suez. Entretanto corriam por todos os navios estranhos boatos.**

Ser Português é um privilégio por muitos invejado

É portuguesa a nova directora executiva do Festival de Cinema de Toronto

A produtora portuguesa Joana Vicente foi anunciada como a nova directora executiva do Festival Internacional de Cinema de Toronto (TIFF, na sigla em inglês), sendo corresponsável pela organização a par do director artístico Cameron Bailey.

"O comité de selecção ficou profundamente impressionado com o passado de Joana Vicente como produtora, defensora de realizadores independentes e com o seu sucesso em angariação de fundos e parcerias. O seu extenso conhecimento do panorama global cinematográfico em mudança solidificou a decisão", disse, em comunicado, o conselho de administração do festival.

Joana Vicente era, desde dezembro de 2009, directora executiva do Independent Filmmaker Project, a mais antiga e maior organização de cineastas independentes nos Estados Unidos, como recorda o comunicado do TIFF.

Marinha coordena resgate no mar dos Açores

A Marinha, através do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (MRCC Delgada), em articulação com o Centro de Coordenação de Busca e Salvamento das Lajes (RCC Lajes) e com o Centro de Orientação de Doentes Urgentes Mar (CODU-Mar), coordenou uma operação de evacuação médica urgente, por meio aéreo, de um tripulante de 26 anos de idade, nacional do Myanmar, com sintomas de paralisia facial, que se encontrava a bordo do navio mercante "HANNAH SCHULTE", com bandeira de Singapura, a navegar a cerca de 470 milhas náuticas (aproximadamente 870Km) a norte da ilha da Terceira – Açores.

Para proceder ao resgate, foi accionado um helicóptero da Força Aérea Portuguesa (FAP) estacionado na Base Aérea das Lajes (BA4). O doente foi resgatado pelo helicóptero EH-101 da FAP com sucesso, tendo aterrado na BA4 pelas 08h20 e sido posteriormente encaminhado para o Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira, através de uma ambulância do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores (SRPCBA).

Estiveram envolvidos nesta operação o MRCC Delgada, o RCC Lajes, o CODU-Mar, um helicóptero EH-101 da FAP e uma ambulância do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores (SRPCBA).

CONTA SOLIDÁRIA DE APOIO AOS COMANDOS DO CORPO DE INSTRUÇÃO DO CURSO 127
QUE FORAM CONSTITUÍDOS ARGUIDOS

NIB:0033-OOOO-45536014942-05

Desde os infaustos acidentes ocorridos durante a instrução do 127º Curso de Comandos que a pretexto do então ocorrido - que todos lamentamos profundamente e sobre os quais já publicamente nos manifestámos - os Comandos têm vindo a ser alvo da mais sórdida campanha para denegrir a sua imagem e competência, pretendendo-se assim atingir a sua coesão e os Valores em que acreditam, servem e defendem.

E com eles, como objectivo último, a Instituição Militar em que se integram.

19 Comandos foram entretanto constituídos arguidos num processo que em breve iniciará a fase de julgamento.

É do conhecimento de todos que a situação destes militares tem sido votada a um total alheamento e indiferença pela Instituição em que se integram, que nunca lhes manifestou qualquer solidariedade institucional nem preocupação pelos constantes atentados à sua dignidade, idoneidade e bom nome, não lhes permitindo, inclusive, participar em missões internacionais, não os promovendo e nem sequer lhes dando apoio judiciário.

Em consequência, estes militares vêm-se na necessidade de arcar com custas judiciais e honorários dos seus representantes de defesa, não tendo, face aos vencimentos que auferem, condições sócio-económicas compatíveis com tais encargos, sendo necessário o recorrente recurso a colectas de camaradas e à representação por defensores que advogam a título gracioso, situação que, a curto prazo, se tornará, por certo, insustentável.

É de elementar justiça deixar aqui um muito sentido agradecimento aos advogados e sociedades de advogados que de forma pro bono têm vindo a apoiar alguns dos nossos camaradas, assim como às Instituições sócio-profissionais que de forma tão empenhada lhes têm também prestado a sua solidariedade e apoio.

Mas não é suficiente - por isso, a Associação de Comandos abre uma Conta Solidária apelando aos Comandos e aos Homens de Boa Vontade para que nela depositem, sempre que possível, a sua ajuda para se poder acudir aos avultados custos de um processo como este.

Contamos com o apoio de cada um de vós!

A Associação de Comandos agradece-vos.

NIB:0033-OOOO-45536014942-05

MAMA SUMÉ

O President da Direcção Nacional
José Lobo do Amaral

Le véritable courage

Et si la bravoure, pour un homme, consistait simplement à demander de l'aide en cas de besoin ?

Par David Desjardins /Photo : Daphné Caron / Act

Le comédien et dramaturge Steve Gagnon se tient au milieu de la salle, entouré par le public. Juché sur une petite plateforme, il dévide avec ferveur le texte émotivement surchargé de la pièce qu'il a écrite, Os : La montagne blanche. Sur son bras, il a marqué au feutre : Boys do cry. Traduction de l'adage qu'il a retourné comme un gant : ben oui, Chose, les garçons pleurent.

Pendant plus d'une heure, avec une intensité en proche banlieue de la transe rock, il présente un texte profondément poétique, sur fond de musique électronique pulsée en direct. C'est le témoignage d'un homme brisé par la mort de sa mère, sur le bord de l'implosion, et qui fait payer le prix de son désarroi à sa copine en se vautrant dans son malheur.

Quelques jours plus tôt, comme bien d'autres, j'ai suivi avec effarement l'attentat contre des femmes mené dans les rues de Toronto. J'ai parcouru les reportages sur les incels, un groupe masculiniste dont se réclamait le présumé tueur. J'ai lu leurs messages, leurs témoignages. J'ai pris connaissance de cette idée que leur sexualité est brimée par les femmes qui la leur « refusent », et qu'elles méritent donc d'être châtiées.

Le texte de Steve Gagnon répond avec aplomb au théâtre de la laideur masculine qui ne semble pas vouloir cesser les représentations depuis Ghomeshi, Weinstein, Cosby et autres ogres.

Il est temps que des gars disent à d'autres que leur crise d'identité n'est pas un sauf-conduit. Que s'il existe un problème, les femmes n'en sont pas la source et ne devraient pas être la cible d'une revanche.

Parce qu'il nous amène ailleurs. Vers la lumière. Vers un idéal masculin où la souffrance trouve un autre exutoire que la violence. Vers un endroit qui s'éloigne de la banalité du machisme comme dernier refuge d'hommes en mal de repères. Et franchement, ça fait du bien d'entendre des hommes dire que ça suffit. Pas parce qu'on n'a pas envie d'écouter les femmes, non, non. Seulement parce qu'il est temps que des gars disent à d'autres que leur crise d'identité n'est pas un sauf-conduit. Que s'il existe un problème, les femmes n'en sont pas la source et ne devraient pas être la cible d'une revanche.

« Ça ne veut pas dire de nier la souffrance, il nous arrive tous de souffrir », lance Francis Dupuis-Déri. Lui aussi débarque avec un ouvrage providentiel dans les circonstances : La crise de la masculinité : Autopsie d'un mythe tenace.

Selon ce prof de science politique de l'UQAM spécialisé en études féministes, la crise de la masculinité est une vaste supercherie, presque vieille comme le monde, et qui témoigne d'une chose : la crainte, pour les hommes, de perdre leurs privilèges.

« En surface, ça a l'air de faire écho à des enjeux émotifs, au mal-être, me dit-il, c'est pour ça que c'est aussi délicat. Mais au fond, ça renvoie au partage des tâches, de la richesse, du pouvoir… » Tant dans les affaires que dans la vie de famille. « *Si on considère que le féminisme est une menace, nécessairement, ça veut dire que les hommes sont avantagés. »*

Dans son bouquin, il s'emploie à démonter les discours sur le prétendu matriarcat dont se délectent les adeptes des différents Doc Mailloux et autres Denise Bombardier de ce monde. Il oppose aux interprétations fumeuses quelques faits qui, eux, ne mentent pas. Résumons : les postes de pouvoir, l'argent, les tâches ménagères, peu importe où le regard se porte, les hommes sont encore les grands gagnants de notre société. Point barre.

Mais là où je l'aime le mieux, c'est lorsqu'il rejoint Steve Gagnon dans un plaidoyer en faveur d'un nécessaire détournement des clichés de la masculinité violente et d'une féminité essentiellement bienveillante. Comme si ces valeurs appartenaient à un sexe ou à l'autre, et comme s'il était déplorable de préférer la médiation aux claques sur la gueule.

Dupuis-Déri rappelle la métaphore décortiquée par Michel Foucault du berger qui guide et qui prend soin de son troupeau. Une figure masculine, fondamentalement rugueuse, et pourtant bienveillante.

Dans la salle de la Maison pour la danse, à Québec, où j'assiste à la représentation d'Os, Steve Gagnon change de promontoire. Il adresse alors le plus puissant extrait de son texte, qui exprime parfaitement l'idée de ce que c'est, pour moi, d'être un homme. Et c'est, au fond, l'audace d'aimer autrement que sous forme de clichés, de conventions, de banalités. C'est d'avoir l'aplomb de cesser de vivre en cherchant à reproduire les conventions périmées de la masculinité ou à copier ce que la pub et la culture populaire commandent.

Parce que le véritable courage, ce n'est pas de tenir tête aux féministes ou de tenter d'éviter les changements sociaux en invoquant des modèles masculins qui remontent au pléistocène. La bravoure, c'est de demander de l'aide si on en a besoin parce qu'on se sent perdu. C'est d'accepter que les femmes puissent rejeter nos avances sans en faire une guerre des sexes. C'est de pleurer comme un homme, un vrai, si on en a envie.

Le reste n'est que pleurnichage. Ce qui n'est pas très viril. Et pas féminin non plus. C'est juste puéril, et vain.

ÉLECTIONS 2018

L'actualité en campagne !

Les mordus de politique ont rendez-vous à L'actualité pour une couverture en profondeur de la campagne électorale ! Au menu, des carnets de campagne quotidiens, un grand balado électoral hebdomadaire, un outil interactif pour tout connaître de sa circonscription, des entretiens avec les chefs en vidéo… et de nombreuses surprises à venir.

Marie-France Bazzo pris la barre du balado « *Esprit de campagne »*, diffusé chaque semaine à partir du 23 août. en compagnie d'Alec Castonguay, Philippe J. Fournier, Noémi Mercier et Mathieu Charlebois. Ils analysent la campagne électorale dans ses moindres détails. Dossiers chauds, personnalités marquantes, circonscriptions à suivre, déclaration de la semaine, bulletin des partis… rien n'échappera au radar de nos journalistes.

À ne pas manquer également : nos carnets de campagne, alimentés par notre équipe, qui fera part sur une base quotidienne de ses analyses, impressions, ressentis, coups de cœur et coups de gueule.

Tout au long de la campagne, les citoyens seront nombreux à se demander : est-ce que les partis politiques proposent des solutions qui auront des répercussions autour de moi, dans ma collectivité, mon voisinage, ma région ? Pour les aider à y voir plus clair et à poser les bonnes questions aux politiciens qui cogneront à leur porte, *L'actualité* a conçu un outil interactif qui dresse un portrait personnalisé de chacune des 125 circonscriptions du Québec, grâce à l'analyse de plus de 20 ans de données socioéconomiques détaillées. D'un coup d'œil, il est possible de voir comment se compare son propre coin de pays avec les autres régions du Québec et de comprendre les enjeux prioritaires propres à chaque endroit.

Devant la caméra, Philippe Couillard, Manon Massé, François Legault et Jean-François Lisée répondront aux questions de nos lecteurs et de nos journalistes, avec pour objectif de sortir un peu du discours politique traditionnel et d'offrir quelque chose de plus authentique, de plus personnel aussi. Les capsules vidéos *« 15 questions pour un chef »* seront à découvrir dans les prochains jours.

Bonne campagne !

3 de Setembro
Criação do Estado-Maior-General das Forças Armadas

3 de Setembro :

Dia da criação do Estado-Maior-General das Forças Armadas

O dia iniciou-se com uma missa na Igreja da Memória, decorrendo de seguida as cerimónias militares em frente à Torre de Belém, que incluíram revista às forças em parada pelo Sr. Primeiro Ministro António Costa, oração pelo Capelão Chefe do Exército, Padre Jorge Matos, com os toques do silêncio, homenagem aos mortos em combate, um minuto de silêncio, toque de alvorada e sobrevoo de 4 F16 da Força Aérea, alocuções alusivas ao acto pelo Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro, Primeiro Ministro António Costa e desfile das Forças em Parada.

Com a participação dos três ramos das Forças Armadas , o evento foi presidido pelo Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, e contou com a presença do Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor José Azeredo Lopes, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Fernando Medina, Chefes de Estado Maior dos três Ramos das Forças Armadas, Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, entre muitas outras entidades civis e militares, incluindo o anterior chefe do Estado Maior-General das Forças Armadas, General Pina Monteiro.

A presença da fanfarra e da banda do exército conduzidas pelo sargento-chefe Paulo Vila Verde e pelo Tenente Artur Cardoso, acompanharam os actos solenes com música.

De relevar o estandarte nacional à guarda do EMGFA e respectiva escolta, comandada pelo Ten. João Martins.

Presentes, 1 batalhão dos três ramos constituído por 294 militares , e composto por três companhias:

Uma companhia da Marinha comandada pelo 1º Ten. Vargas da Costa e constituída por um pelotão da Escola de Tecnologias Navais, um pelotão de militares de unidades operacionais na dependência do Comando Naval e um pelotão militar do corpo de Fuzileiros.

Uma companhia do exército comandada pelo Capitão Pestana Santos e constituída por um pelotão do Quartel de Cavalaria da Brigada Mecanizada; um pelotão do Regimento de Artilharia nº 5 da Brigada de Intervenção; um pelotão do regimento de comandos da Brigada de Intervenção Rápida que recentemente se ilustrou nas missões da ONU na Republica Centro Africana.

Como representação da Força Aérea Comandada pelo Capitão Helder Paiva, uma esquadrilha constituída por três pelotões de alunos do Centro de Formação Militar e Técnico das Forças Armadas.

Junto ao Forte do Bom Sucesso encontrava-se uma bateria de Artilharia do exército, comandada pelo Alferes Morais, para execução das 19 salvas regulamentares à chegada do Primeiro Ministro.

No rio, junto à Torre de Belém, estavam também o NRP Jacinto Cândido comandado pelo Capitão-Ten. Zambujo Madeira, e em frente, uma viatura blindada de rodas Pandur 2, 8x8 do exército, pintada com as cores e os símbolos das Nações Unidas, pronta para ir para a República Centro Africana, em reforço e protecção da FND comandada pelo 1º Sgt Vilas Boas, e o helicóptero Alouette 3 da Força Aérea.

As cerimónias continuaram com a homenagem aos mortos, as alocuções do Almirante Silva Ribeiro e do Primeiro Ministro, condecorações do EMGFA a militares e civis que prestaram serviços relevantes e o desfile das Forças em Parada.

Isabel Martins mkt do museu do combatente, 4 de Setembro de 2018.

Prières de Rue en Europe

par Giulio Meotti

Traduction du texte original: Europe: Prayer in Public Spaces

Mieux que l'Europe, ces pays arabes savent que pour contenir l'intégrisme islamique, il est crucial de contrôler la rue.

Que 140 000 musulmans se sont récemment rassemblés en Angleterre pour une prière publique organisée par une mosquée connue pour son extrémisme et ses liens avec le terrorisme djihadiste, ne devrait pas seulement alarmer les autorités britanniques, mais aussi les gouvernements de tous les autres pays européens. En octobre 2017, une tempête médiatique mondiale a stigmatisé la prière publique de masse que les catholiques polonais avaient organisé une à travers le pays. La BBC a jugé la manifestation « *discutable* » car elle *« pouvait être perçue comme un soutien au refus de l'Etat polonais d'ouvrir les frontières aux migrants musulmans ».*

Mais en juin 2018, nul n'a jugé discutable qu'en Angleterre, la mosquée Green Lane réunisse 140 000 musulmans dans le parc Small Heath de Birmingham pour une prière publique de fin de Ramadan.

La France débat encore de l'opportunité de bloquer les prières de rue. « Ils ne prieront pas dans la rue, nous empêcherons les prières de rue », a annoncé le ministre de l'Intérieur, Gérard Collomb.

« L'espace public ne peut pas être occupé de cette manière », a déclaré la présidente du conseil régional de Paris, Valérie Pécresse, qui a pris la tête d›une manifestation de protestation de conseillers et de députés. En Italie, des centaines de musulmans ont prié à côté du Colisée et des prières musulmanes ont eu lieu devant la cathédrale de Milan .

Les chiffres parlent d'eux-mêmes. Quand les musulmans de toute l'Europe ont célébré le dernier jour du ramadan à coups de prières de rue, les places des grandes villes - de Naples (Italie) à Nice (France) ont été submergées. La prière de rue annuelle de Birmingham a débuté en 2012 avec 12 000 fidèles. Deux ans plus tard, ils étaient 40 000. En 2015, leur nombre est passé à 70 000. En 2016, ils étaient 90 000 et 100 000 en 2017. En 2018, leur nombre a atteint 140 000. Combien seront-ils, l'an prochain ?

« Les deux églises [locales] sont presque vides, mais la mosquée de Brune Street Estate souffre de surpopulation », a noté The Daily Mail de Londres.

« La mosquée elle-même est à peine plus grande qu›une petite pièce louée dans un centre communautaire et ne peut contenir que 100 personnes au maximum. Mais le vendredi, faute de place, trois à quatre cent fidèles débordent dans la rue ou ils occupent une surface équivalent à la taille de l'église Saint Mary, presque vide, sur la route ».

La prière publique n'est pas une manifestation « *normale* » de la liberté de culte telle qu'il est légitime de la trouver en Occident. Mais certains musulmans extrémistes utilisent ces événements publics comme une alternative à la laïcité européenne.

Qu'en est-il des prières de rue au Moyen-Orient et en Afrique du Nord ? En Tunisie, la prière de rue a été interdite. Et en Égypte, la prédication par haut-parleur a été interdite dans vingt mille mosquées pendant tout le ramadan. *« Les salafistes et les Frères musulmans ont pris le contrôle de plusieurs de ces mosquées et ont continué à les utiliser pour diffuser leurs conceptions religieuses dévoyées »* a déclaré Jaber Taya, porte-parole du ministère égyptien des dotations religieuses. Mieux que l'Europe, les pays arabes savent que la maitrise de l'extrémisme passe par le contrôle de la rue.

A Birmingham, l'une des villes les plus islamisées d'Angleterre, la prière de rue annuelle a lieu sous la direction de la Mosquée Green Lane, siège de l'organisation radicale Markali Jamat Ahi Hadith, affiliée au soi-disant modéré Conseil musulman de Grande-Bretagne. Non seulement la Mosquée Green Lane interdit aux femmes de porter des pantalons ou d'utiliser Facebook, mais ses prêcheurs exhortent à la haine des non-musulmans. Abu Usamah, l'un des principaux imams de la mosquée, a été enregistré disant : *« Oussama Ben Laden vaut mieux qu'un millier de Tony Blair, parce qu'il est musulman »; « Allah a créé la femme déficiente. Même si elle a obtenu un doctorat, son intellect est incomplet »* ; il a préconisé également de « jeter » les homosexuels du sommet des montagnes.

Un reportage dans le journal français Le Figaro concluait:

« Birmingham est la deuxième plus grande ville d›Angleterre après Londres. Elle compte près d›un million d›habitants, dont la moitié sont des immigrés et un quart sont musulmans. Dans le quartier très populaire de Small Heath, à l›est du centre, 95% de la population est musulmane.

Les nombreuses mosquées offrent un très large éventail de pratiques allant du soufisme au salafisme le plus radical, comme la mosquée Salafi ... Certaines boutiques affichent des heures de fermeture qui correspondent à celles des prières quotidiennes ...

Les librairies sont religieuses. Les agences de voyages garantissent des vacances *« halal »* en direction de destinations où les clients - en particulier les clientes - ont accès à des hôtels ou les femmes ne peuvent pas croiser les hommes et ou les piscines ont des horaires séparés qui préservent *« la modestie des femmes ».*

Ce n'est sans doute pas une coïncidence si de nombreux djihadistes britanniques sont issus de Birmingham, surnommée *« la capitale djihadiste de la Grande-Bretagne »*. Le magazine français L'Obs a publié une enquête sur les islamistes français qui migrent à Birmingham pour profiter d'un environnement plus libre et plus multiculturel.

Que 140 000 musulmans se sont récemment rassemblés en Angleterre pour une prière publique organisée par une mosquée connue pour son extrémisme et ses liens avec les terroristes djihadistes, ne devrait pas seulement alarmer les autorités britanniques, mais également les pouvoirs publics d'autres pays européens.

Ce n'est pas un hasard si de nombreux djihadistes britanniques sont issus de Birmingham, surnommée « *la capitale djihadiste de la Grande-Bretagne* ». Sur la photo: Mosquée Centrale de Birmingham en Angleterre. (Source de l'image: Oosoom / Wikimedia Commons)

Giulio Meotti, journaliste culturel à Il Foglio, est un journaliste et auteur italien.